A USP e sua identidade visual

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes

Vice-Reitora: Profª Drª Myriam Krasilchik

Este documento foi preparado pela
Comissão de estudo da identidade visual e
da imagem institucional da USP,
composta pelos seguintes membros:

Profª Drª Myriam Krasilchik (presidente)

Prof. Dr. Celso de Barros Gomes

Prof. Dr. Francisco Inácio Homem de Melo

Prof. Dr. Heliodoro Teixeira Bastos Filho

Prof. Dr. Julio Roberto Katinsky

Prof. Dr. Tupã Gomes Corrêa

O trabalho contou ainda com a colaboração
dos seguintes funcionários:

Arquiteta Cinzia de Araujo

Arquiteto Gabriel Sister

São Paulo, dezembro de 1996

Sumário

Apresentação 4
Profª Drª Myriam Krasilchik

O "Brasão d'Armas" da Universidade de São Paulo e a perenidade da imagem institucional 6
Prof. Dr. Tupã Gomes Corrêa

Considerações sobre a imagem da Universidade 15
Prof. Dr. Julio Roberto Katinsky

A USP e sua identidade visual 21
1. Apresentação do problema 22
2. Objetivos do trabalho 27
3. A complexidade da USP 28
4. Os sinais de identificação da USP 31
5. O brasão 32
6. O logotipo de 1971 34
7. O logotipo de 1977 36
7.1. Os componentes do sistema 37
7.2. A implantação do sistema 41
7.3. O selo do cinqüentenário 51
8. Os sinais de identificação das unidades 52
9. Rumos do trabalho 78

Depoimento sobre a identidade visual da USP nas três últimas décadas 79
Arquiteta Cinzia de Araujo

Apresentação

Profª Drª Myriam Krasilchik

Em conseqüência de um pronunciamento do Prof. Dr. Tupã Gomes Correa, Vice-Diretor da Escola de Comunicações e Artes, o Magnífico Reitor, Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes, criou Comissão, pela portaria de 29.08.96, composta pelos Profs. Drs. Celso de Barros Gomes, Francisco Inácio Scaramelli Homem de Melo, Heliodoro Teixeira Bastos Filho, Julio Roberto Katinsky e Tupã Gomes Correa, e por mim presidida, com a incumbência de estudar e propor normas de utilização da simbologia, identidade visual e da imagem institucional da Universidade de São Paulo.

A coleta e a análise do material reunido pela Comissão levantaram um conjunto de questões sobre os projetos de Universidade que inspiraram as imagens criadas ao longo do tempo.

Nas sucessivas reuniões dessa Comissão foi possível verificar o significado do tema, que deve ser analisado em, pelo menos, duas dimensões. A primeira delas é a que envolve o *conceito de universidade*. Tomando por base apenas a composição da USP, veremos que, em 1934, ela tinha 10 unidades e 10 órgãos complementares, ao passo que em 1977, ano da implantação do atual logotipo, contava com 30 unidades e 41 órgãos. A sua sobrevivência e a manutenção de sua liderança nacional e progresso no panorama internacional dependem da paradoxal manutenção de uma unidade que junta, liga, aproxima o comum, bem como das diferenças que caracterizam e garantem a identidade de cada elemento dessa mesma Universidade.

Hoje, o debate sobre o papel da Universidade está muito presente, tanto internamente, em temas que tocam o papel da pesquisa e do ensino, as relações das unidades com a administração central, a estrutura e a avaliação dos cursos de graduação e pós-graduação, entre muitos outros. Externamente, discute-se a vinculação com o governo e com a sociedade em geral.

A outra importante dimensão refere-se ao *aspecto de comunicação visual*, que envolve facetas tão variadas: os símbolos usados para distinguir as unidades de ensino e pesquisa e as

administrativas, os núcleos de pesquisa e extensão, bem como a sinalização interna, que tem implicações ambientais; o uso de crachás, que tem implicações no relacionamento pessoal, e, modernamente, as "home pages", que nos divulgam nos meios eletrônicos.

No entanto, as duas dimensões suscitam uma pergunta: que Universidade de São Paulo os símbolos usados representam?

Em uma sociedade em que a comunicação visual torna-se cada vez mais importante, é consenso que os símbolos e marcas devam sintetizar e representar o caráter da instituição, dando forma a idéias que assim podem ser comunicadas a várias pessoas. A decodificação das idéias embutidas nos atuais sinais que usamos deve levar ao reforço do nosso conceito de Universidade, ou à reformulação do mesmo.

Usando expressões correntes, essa coletividade intelectual tem a obrigação ética de fazer com que seus membros desempenhem a cidadania acadêmica por meio de relações lúcidas entre si e com a sociedade que a mantém.

A construção dessa realidade depende de uma teia de vínculos e compromissos entre indivíduos e instituições — e, quanto mais conscientes esses indivíduos e instituições estiverem de seus objetivos, possibilidades e limitações, mais fidedigna aos seus projetos será a realidade.

Ela tem a ver com a preservação do nosso passado, deve ser exame crítico do presente e servir para a construção de um futuro melhor. Uma análise do que fomos e somos poderá servir para inventarmos um melhor amanhã.

Este seminário é um esforço nesse sentido. Trata-se de elucidar qual o nosso papel no debate nacional sobre a estrutura e o propósito da nossa Universidade no Brasil de 1996.

Para manter a credibilidade pública que sempre detivemos, é necessário que nós nos reavaliemos constantemente. É o momento de ampliar a nossa inserção no debate sobre as grandes questões nacionais. É também urgente considerar se os valores da academia devem ser vistos na mesma perspectiva e linguagem que hoje são comuns no universo da economia.

O trabalho da nossa Comissão é um passo na direção do estabelecimento de uma linguagem clara entre nós e com o público em geral.

O "Brasão d'Armas" da Universidade de São Paulo e a perenidade da imagem institucional

Prof. Dr. Tupã Gomes Corrêa

Há algum tempo, em uma reunião de diretores de unidades orçamentárias que teve lugar na sala do Conselho Universitário, tive a oportunidade de comentar um fato que, pelo menos nos últimos dez anos, vem me preocupando muito. Tal preocupação decorre dos usos que se faz da simbologia institucional, seja aquela que caracteriza toda a documentação que tem origem na reitoria e nas unidades, seja a que serve à identificação de tudo mais que circula pela instituição.

A Universidade de São Paulo, a exemplo de qualquer organização com sua idade, tamanho e importância, utiliza-se de um conjunto de simbolos próprios, mediante os quais configura e assinala tudo aquilo que se origina nela, o que é de sua propriedade, ou aquilo que se destina aos mais diferentes receptores enquanto documento ou objeto universitário.

Manifestei-me a respeito na ocasião, referindo-me em especial ao chamado "brasão de armas" da universidade, símbolo principal da instituição e que nos últimos tempos tem ensejado inúmeras variações de forma, que modificam sua concepção original e que servem de pretexto a mais adulterações. Naturalmente, por uma circunstância de uso, muitas vezes associado a logotipo adotado mais recentemente, pela excessiva e generalizada vulgarização, vai transformando-o em certo sentido numa espécie de "figura" fora de moda, com um aspecto plástico não muito assimilado e de uso inconveniente.

Ocorre, porém, que o brasão da universidade deveria ter finalidade mais nobre, mais fiel à sua concepção heráldica, mais compatível com sua destinação histórica, e predominantemente voltada à solenização de documentos e os atos oficiais.

Esse símbolo, usado ao longo do tempo para identificar os papéis e os assentamentos acadêmicos, transformou-se também em uma espécie de "marca registrada" da universidade. Em certo

sentido, tornando-se marca, passaria ele mesmo a assumir a função de confundir-se com a identificação visual da instituição por longo período de tempo.

Servindo nessa condição, transformou-se no timbre mediante o qual se identifica todo um conjunto de impressos oficiais, que começa por modelos epistolares, prolonga-se por capas de processo e passa por diplomas, atos, resoluções, portarias e assim por diante.

Não bastasse essa condição, converteu-se muitas vezes em adendo à sinalização física dos próprios universitários. É o caso, por exemplo, da pintura desse brasão em alguns veículos da USP, entre os anos sessenta e setenta. Não raro foi também o uso que se fez dele, no mesmo período, em placas e tabuletas. Houve ainda incontáveis utilizações gráficas de cunho oficial e outro sem número de aplicações informais, digamos assim, que serviram para se ter pelo menos uma grande certeza: a instituição nunca soube muito bem como se servir de um símbolo que, acima de tudo, constitui-se no principal elemento de sua imagem gráfica, além de ser algo como sua própria "imago mater".

Posteriormente, no correr do tempo, a universidade adotaria outros referenciais de identificação. Alguns deles, porém, não passariam de tentativas frustradas, que não chegaram a lograr maior permanência de tempo, por menor que fosse, capaz de justificá-los como adoção ao que se propunham: marcar e identificar os eventos com origem na instituição. Inclua-se entre tais referenciais o logotipo desenvolvido e adotado em 1971, de efêmera utilização.

Tal logotipo chegou mesmo a ser utilizado na pintura dos circulares e de um micro-ônibus azul, este último utilizado à época para transportes de grupos de visitantes. Talvez por causa das formas "pesadas", concebidas sem muita convicção ou, então, por conta de uma total falta de relação entre o esforço de representação e a instituição representada, nunca logrou a empatia institucional que deveria ter produzido entre os seus usuários. Tanto é assim que foram muito raras as tentativas de sua utilização em impressos oficiais e publicações da universidade.

O último logotipo, ao contrário, desenvolvido profissionalmente sobre bases de maior rigor técnico e estético, mereceu desde logo uma generalizada e positiva aceitação. Ao longo de quase vinte anos essa segunda peça tem sido um dos símbolos

institucionais mais característicos da USP, ensejando as mais diversas formas de aplicação.

Terá sido a partir desse outro logotipo que, com certeza, o sistema de identidade visual da USP provocou tanto uma postura de uso da simbologia voltada para a identificação de lugares, como a generalização do utilitarismo gráfico de marca, a ampla aceitação desse sistema e, naturalmente, a crescente necessidade de tornar visíveis os diferentes eventos universitários.

Por ocasião da comemoração do cinqüentenário da Universidade de São Paulo, como muitos se lembram, uma intervenção gráfica nesse logotipo resultaria numa adaptação da forma à necessidade de representação do evento comemorado. Terá sido a primeira iniciativa de atualização da marca.

Todavia, uma atualização que deveria ter ficado circunscrita àquela comemoração e, no ano seguinte, retomar a forma original, acabou chamando a atenção por vários anos depois ainda ser utilizada, por alguns setores, na inscrição evocativa dos cinqüenta anos.

Aliás, de um modo geral, a volta ao padrão gráfico de origem aconteceu sem problemas. Alguns episódios isolados, contudo, acabaram por intrigar. Vez por outra ainda deparamos com impressos que contêm o logotipo inscrito no grande "L" (que representava em número romano os cinqüenta anos). Semelhante equívoco começou a chamar minha atenção, fazendo-me associá-lo a outros problemas que também o cercam.

Passei a verificar com cuidado alguns problemas que cercam não apenas o padrão gráfico da identidade visual da USP, quanto principalmente as intervenções que ocorreram sobre o próprio brasão, desvirtuando-o em sua concepção histórica. Com isto, gerou-se uma situação de uso inadequado dos símbolos disponíveis.

Primeiro, seria conveniente arrolar algumas definições relativas aos termos em uso na presente relfexão. Como logotipo e brasão, por exemplo. O primeiro termo, *logotipo*, quer dizer conjunto de letras, formando sigla ou palavra, adotado oficialmente com a finalidade de caracterizar uma instituição (pública ou privada), seus serviços, produtos ou idéias. Tem sentido de marca e, como tal, deve ser original e inconfundível.

O segundo termo por sua vez, *brasão*, tem sentido mais amplo e profundo, assumindo não apenas a caracterização de

uma "marca" institucional, quanto os significados que ela passa a assumir historicamente. Não significa que, apenas por dispor de um brasão formulado mediante rigorosos critérios de heráldica, uma instituição, qualquer que seja ela, passe a assumir significados "históricos" transferíveis à uma dimensão que esta não possua.

O que confere a transferência desses significados à esfera da instituição não é, pois, a natureza emblemática do seu brasão. O que o faz é a própria performance da instituição que, face ao desempenho histórico e a importância social que assume, acaba por confundi-la com os significados que se deram ao respectivo desenho. É precisamente sobre este pressuposto que se alarga a importância do brasão da USP.

Criado por José Wasth Rodrigues, historiador, artista plástico, estudioso de heráldica e medalhística, concebeu e criou, sob encomenda pessoal do então reitor, Prof. Dr. Reynaldo Porchat, o que ele mesmo denominou "Brasão d'Armas da Universidade de São Paulo". Consciente da dimensão dessa incumbência, até porque os fatos da época (todos eles) remetiam a uma prospectiva do desempenho da universidade pelo tempo, concluiu a sua obra em dezembro de 1934.

Curioso é observar que em sua formulação original, o brasão da USP também previa cores. De igual modo, desde o primeiro exame realizado nessa peça, fica evidente a ausência da inscrição "Universidade de São Paulo", tal como hoje se conhece, em semi-círculo sobre a metade da esfera armilar que sobressai do escudo.

Em breve descrição, Wasth Rodrigues assim classificava a alegoria:

> *Em escudo antigo o apóstolo São Paulo, sentado numa cátedra guarnecida de ouro encostada a um muro ameiado, acompanhado à dextra pelo escudo do Estado de São Paulo e à sinistra pelo da Capital, ambos com seus timbres. O apóstolo de encarnação, vestido de vermelho e com manto azul, empunha com a dextra uma espada em riste e mantém com a sinistra um livro. A cátedra é firmada sôbre dois degraus e êstes sôbre o chão em ponta. Tudo na sua côr. Timbre: esfera armilar sainte do ouro. Listão vermelho com a divisa: "Sciencia vinces", em letras de prata".*
>
> *(Texto aposto sob a pintura do brasão original, óleo sobre tela, dezembro de 1934).*

É evidente que a obra de José Wasth Rodrigues, à altura de sua concepção, não continha ainda os elementos que hoje justificam até mesmo certo sentido reverencial, em cuja representação sobressai a instituição representada; ou seja, a Universidade de São Paulo. Mas esses elementos, certamente, acabariam por se confudir com a estatura que a universidade assumiu ao longo do tempo.

Seria interessante continuar a observação dos elementos que compõem o engendramento simbólico dessa representação gráfica, mediante a qual se configura a imagem histórica e institucional da Uinversidade de São Paulo.

A observação, todavia, deve ir além da própria descrição do autor, porquanto os elementos escolhidos por ele para essa representação contêm amplos sentidos, os quais por si só, como numa fotografia, encenam a gênese e a formação da universidade.

Na verdade, a opção pela esfera armilar, que se sobrepõe ao conjunto heráldico como um todo, deve ter ocorrido pela influência ancestral da cultura lusitana, uma vez que a estilização daquele emblema conota tal realidade. Aliás, é precisamente este símbolo que insinua uma certa idéia de "orientação de rumo", na direção institucional, configurando o seu papel de liderança no mundo das ciências e das artes.

De igual modo, o uso de um escudo inteiro português, de base gótica, sem partições, denuncia a mesma influência. Pois o outro gênero de escudo, com fundo em meio-arco, estaria mais apropriado a uma formulação anglo-saxônica, francesa, itálica, ou mesmo hipânica, de dinastia (Estudos de heráldica apontam para duas grandes categorias de escudo: os dinásticos e os militares). O brasão da USP, especificamente, está construído sobre um escudo militar. Pelo menos, nessa ótica, aceitando-se a divisão dessas duas categorias, não se tem como classificá-lo de outra maneira.

Eis porque ele resulta na constatação da mesma influência, de vez que essa prática sempre foi característica da heráldica portuguesa não nobiliárquica, voltada para a representação das ordens e das dignidades culturais, mediante a utilização desse gênero de escudo.

A cátedra sobre a qual se assenta a figura do Apóstolo Paulo, ao contrário do que muitos costumam inferir, não significa uma exaltação da antiga "cátedra" universitária, existente ao

tempo da criação da universidade. Essa alegoria tem outro sentido: a fixação da instituição USP no território que é dedicado àquele Apóstolo. Tal fixação está definitivamente configurada por dois elementos: o muro e os brasões paulistas.

O muro, em particular, divide os elementos representativos em dois: os relativos ao território da ciência e os relativos ao da fantasia. Tudo o que está circunscrito aos elementos do brasão destina-se a representar o mundo da ciência, ou da realidade, e o que está fora do muro, que se situa ao fundo da "Cadeira do Apóstolo", projetando-se ao céu azul, representa a fantasia. Vale até ressaltar uma relação existente entre esta interpretação e a que deu o arquiteto Rino Levi, autor do projeto da torre da Cidade Universitária, em São Paulo, ao conjunto de doze painéis em baixo-relevo que compõem as duas lâminas dessa obra, produzidos pela escultora Elisabeth Nobiling: o "mundo da realidade" e o "mundo da fantasia".

A inscrição dos dois brasões, à direita e à esquerda do Apóstolo, um dedicado ao Estado, outro à Capital, igualmente destina-se a configurar o "lugar" da universidade.

Aparentemente, todo esse esforço de interpretação das formulações representativas, que constituem o principal símbolo da universidade, poderia parecer exercício fútil. Isto se não fosse a heráldica uma atividade de representação que, desde o século XII, incorpora elementos e desenvolve linguagem própria mediante a qual se descreve, não apenas a fisionomia visível de uma instituição, quanto a sua dignidade honorífica. O que vem a ser o caso da Universidade de São Paulo.

Duas portuguesas, das mais respeitadas estudiosas contemporâneas de heráldica, Maria Helena Gil Braga (arquiteta) e Maria Paula Cunha Moreira da Silva (publicitária), nas primeiras páginas da obra dedicada ao assunto, escrevem:

> *É de realçar o interesse lúdico desta ciência que, apesar do rigor das leis que a regem, se caracteriza por uma variedade de formas, cores e símbolos que poderá contribuir para tornar o estudo da história [das instituições] mais vivo e atraente. [...] hoje vive-se sob o signo do emblema. A nossa época está cheia de repressentações heráldicas, presentes nas armas das cidades, em certos símbolos dos clubes desportivos e nalgumas prestigiadas marcas publicitárias".*
>
> *Heráldica*. Lisboa, Edições ASA, 1994.

Embora, particularmente, discorde um pouco no que concerne à referência que fazem as autoras da utilização da heráldica pela publicidade, também concordo que nos dias atuais ela continua presente em nossa vida e no cotidiano das instituições. Também penso que um brasão, como este da Universidade de São Paulo, tem uma finalidade que vai além daquela que simplesmente está voltada à identidade visual da instituição. Ele deve servir, sobretudo, de "assinatura" institucional. E, por conseguinte, como uma assinatura, deve evitar que a "caligrafia" lhe seja alterada no curso do tempo.

Tal observação deve ser feita, principalmente, por conta das circunstâncias mediante as quais se discute, no momento, a situação de uso do brasão no conjunto dos demais símbolos institucionais. A meu ver, são seis os problemas que envolvem hoje a utilização dessa simbologia:

1. deturpações do brasão;
2. alterações do logotipo;
3. ausência de critérios para uso do brasão e do logotipo;
4. indefinição institucional quanto às diferenças de utilidade de brasão e logotipo;
5. adoção indiscriminada de simbologia própria por setores da universidade;
6. falta de orientação quanto à adoção de uma simbologia própria, pelos diferentes setores que a adotam, sem a devida inserção institucional.

A primeira grande deturpação do brasão, como se dizia, ocorreu a partir do acréscimo da inscrição "Universidade de São Paulo", em semi-círculo, sobre a meia esfera armilar que sobressai do escudo português. Outra dessas adulterações refere-se à crescente utilização do emblema em material epistolar, a partir do "escaneamento" da respectiva imagem, sem o devido cuidado para com as proporções. Isto significa dizer que inúmeras dessas tentativas têm, por força de um "ajustamento" da figura do impresso em confecção, alterado suas proporções. Quer dizer: ou a estreitam, ou a alargam em demasia.

Por seu lado, o logotipo tem igualmente sido objeto dessas adulterações. Como é peça mais recente, todavia, não chega a evidenciar excesso de modificações. O mais grave, porém, é sua

utilização em conjunto com o brasão. Isto não apenas é errado, porquanto não apenas vulgariza a representação histórica contida no brasão, como esvazia o sentido de identidade contido no logotipo.

Deve ser lembrado, de igual maneira, que as "estilizações" que se produzem sobre o logotipo da USP em conjunto de outras siglas, além de diminuir a força de sua representação, torna comum a expressão dessas siglas. Isto porque o padrão de letra desenvolvido para representar a instituição, não teve a finalidade da geração de um novo "alfabeto" para com ele se escrever o nome de todas as suas unidades, ensejando um gênero de padronização. Esse padrão destinou-se tão somente à formulação de uma única marca.

A ausência de critérios para uso adequado de um e outro, por seu lado, tem contribuído ao longo do tempo para que cada setor, cada unidade, cada pequena parte da instituição os interpretem ao próprio modo, gerando formas não convencionais de uso. E, com isto, produz-se um cenário nada adequado à imagem gráfica da universidade.

A ausência de critérios, por outro lado, resulta em indefinição institucional, sobre como fazer uso da simbologia disponível. Segundo meu próprio ponto de vista, creio que uma boa alternativa para isto seria estabelecer um universo de utilização, tanto do brasão como do logotipo, que facilitasse, principalmente às unidades, o emprego dos dois. Por exemplo: documentos oficiais (a exemplo de diplomas, certificados, processos etc.) deveriam conter apenas, e de modo disciplinado, o brasão. Os demais deveriam conjugar (também de modo disciplinado) o logotipo da universidade com o de cada unidade. As repartições da reitoria, por sua vez, deveriam utilizar apenas o brasão.

Também deve ser ressaltado que, se de um lado a adoção indiscriminada de uma simbologia própria, sem a devida inserção gráfica que torne clara a inclusão da parte no todo, perverte o sistema da identidade visual; de outro, a padronização generalizada com o intuito da uniformização institucional também a perverte. Pois, tanto é necessário dispor-se de um sistema de identidade visual amplo, que reflita a variedade das partes que compõem a universidade, quanto é indispensável a formulação de um conjunto de normas e critérios que facilite, pelo todo, a expressão gráfica do que também é particular.

Pessoalmente, eu sugeriria sete condutas institucionais, com o propósito de disciplinar o uso de logotipo e brasão, garantindo maior segurança na padronização de ambos:

1. o brasão deveria passar por um tratamento gráfico, sem alteração do desenho original, de sorte a gerar uma norma de construção, que facilitasse sua reprodução sempre que necessário, sem variações de forma;
2. o brasão só deveria ser utilizado nos impressos da Reitoria e suas repartições;
3. todos os diplomas deveriam ostentar o brasão;
4. diplomas de graduação deveriam mostrar impresso, além do brasão, também o brasão daquelas unidades que o têm;
5. os impressos das unidades deveriam ser encimados, invariavelmente, por "Universidade de São Paulo", na disposição julgada oportuna;
6. os impressos das unidades, com logotipos próprios, não deveriam conter o brasão da universidade;
7. o logotipo deveria passar por uma intervenção, visando a uma atualização gráfica e à geração de uma norma de construção.

Considerações sobre a imagem da Universidade

Prof. Dr. Julio Roberto Katinsky

Travelling is to an architect as the university is to a man of letters

Sir William Chambers (1726 — 1796)

A fim de conhecermos as demandas das empresas em relação a parcerias tecnológicas com a Universidade de São Paulo, o projeto USP-TEC realizou, entre junho e agosto últimos, uma pesquisa junto a mais de 200 empresas que valorizam seu desenvolvimento tecnológico. [...] A integração sinérgica entre o setor empresarial, a infra-estrutura científica-tecnológica, o setor financeiro e o Governo tem se mostrado essencial, em diversas partes do mundo, para o desenvolvimento das nações. Acreditando que essa afirmação será cada vez mais verdadeira no Brasil, colocamo-nos mais uma vez à disposição dos docentes para prestar apoio nos seus relacionamentos com empresas.

Prof. Dr. Guilherme Ary Plonsky — Coordenador da CECAE
Eng. Tácito Velloso Nobre — Projeto USP-TEC

Para introduzir a discussão sobre a imagem da Universidade de São Paulo, ocorreu-me confrontar os textos em epígrafe, o primeiro de um dos mais prestigiosos arquitetos ingleses do século 18, o outro elaborado há pouco menos de dois meses por importante organização de nossa Universidade, em que se preconiza uma estreita aproximação da pesquisa e do ensino com o sistema produtivo do país.

É de fato inegável que a aproximação da Escola com o Sistema Produtivo, se já era assinalado como desejável em meados do século passado[1], não passava nessa época de incipiente aspiração.

Essa proposição somente vai ser perseguida sistematicamente na Alemanha da segunda metade do século passado, assinalando-se o êxito espetacular da química industrial alemã como o primeiro marco dessa tendência que irá lentamente, nas décadas subsequentes, se firmando nas consciências decisórias, até o fenômeno aterrorizante do macabro resultado assistido por

todos nós de duas cidades reduzidas a cinzas em segundos, no Japão de 1945.

Com efeito, as bombas atiradas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki não poderiam ter sido fabricadas sem o concurso de pesquisadores vindos das mais importantes Universidades do mundo, destacando-se as Universidades alemãs e italianas, mas recebendo contribuições, diretas ou indiretas, de toda a comunidade científica e universitária do planeta. Ao lado do trabalho científico propriamente dito, os institutos de pesquisa tecnológica propiciaram os meios materiais com desempenho muito superior aos do passado e processos de trabalho racionalizados, para que a bomba se viabilizasse.

Assim, aquilo que era ainda uma hipótese em 1939 — a liberação da energia intra-atômica — tornou-se realidade em 1945.

A partir dessa data fatídica, os mais recalcitrantes governantes tiveram de dedicar alguma fração de seu precioso tempo a essa questão: como incentivar a pesquisa em nível superior (característica da atividade universitária moderna), principalmente aquela com repercussões no aparelho produtivo nacional. Hoje está bem assentado, pelo menos em um grande número de cabeças, que deve haver uma razoável convergência entre a pesquisa em ciência básica, em ciência aplicada, em pesquisa tecnológica e no rebatimento de todo esse esforço (e investimento financeiro, diga-se de passagem) para a técnica corrente e para as chamadas atividades produtivas (entenda-se aqueles bens, tangíveis e intangíveis, que se encontram no mercado).

Mas, se no passado a Universidade enfrentou riscos de desvirtuamento, esses riscos hoje se multiplicaram. Retornemos pois à frase de Sir William Chambers.

De acordo com sua implícita colocação, a função da Universidade era de educar intelectuais — "homens de letras" —, em oposição aos homens do "trabalho manual", artesãos das várias indústrias.

E qual era a ocupação preponderante desses universitários? Era servir ao aparelho de Estado na condição de conselheiros, ministros, secretários, seja do rei, seja dos senhores, duques, marqueses, condes, viscondes. Mas também servir e atuar na organização burocrática da Igreja. É tão característica essa função da Universidade tradicional, que as línguas inglesa e francesa

consagraram com a mesma palavra essa situação — *Clerk* e *Clerc*, respectivamente —, cuja a tradução literal seria "clérigo", e que na verdade significa "funcionário administrativo, aquele que trabalha em 'escritório'".

A tradução correta para o espanhol seria "Licenciado" (não há equivalente em porturguês), e não é por acaso que, como assinala Sérgio Buarque de Holanda em seu "Raízes do Brasil", a América espanhola registra a fundação das primeiras Universidades americanas desde o século XVI[2].

Mas uma característica importante dessas Universidades não pode passar despercebida: somente aquelas instituições que lutaram por sua autonomia intelectual (e freqüentemente material, como as inglesas) é que contribuiram significativamente para o acervo de conquistas civilizatórias. As outras simplesmente vegetaram. Temos, pois, esse aparente paradoxo: ao mesmo tempo que a Universidade nos séculos anteriores serviu o aparelho do Estado e a burocracia da Igreja, ela se constituiu em órgão social válido somente enquanto se distanciou das instituições para as quais fora criada, ou pelo menos se destacou suficientemente das instituições suas "clientes" preferenciais, caracterizando um destino próprio, ou seja, a pesquisa e guarda do saber "strictu-sensu".

Essas considerações parecem-me necessárias quando se cogita regulamentar, ou pelo menos discutir, a Imagem da Universidade de São Paulo que se quer veicular para a sociedade brasileira.

No passado, quando o "cliente" era tão discreto, rei ou bispo, o problema da "imagem" era relativamente fácil de resolver (pelo menos em relação à situação atual): bastavam alguns protocolos fáceis de serem transmitidos e absorvidos.

Diversa é a situação atual: o aparelho produtivo (aqui entendido em termos globais de comércio e indústria) é composto de milhares de protagonistas. Mas a complexidade se torna ainda maior quando se considera que a Universidade deve ter em última instância um compromisso impositivo com a Sociedade Civil (além da Nação e do Estado).

É, pois, em função dessa complexidade que vale a pena discutir coletivamente a "identidade visual" (e a "imagem") da Universidade de São Paulo.

A identidade visual institucional, a meu ver, começa a apre-

sentar seu perfil moderno a partir do final do século passado, por empresas de Serviço Público e por corporações multinacionais. É quando se impõe a presença cada vez mais concreta, em vários países, dos mesmos conglomerados econômicos (trusts e cartéis), cuja sede não poderia deixar de ser, sempre, nacional. E é interessante que elas persigam a analogia com as empresas de serviço público.

Ainda que não haja estudos históricos muito exaustivos, sendo nossas informações obtidas por meros registros cronológicos, pode-se dizer que quase todos os livros que abordam a identidade visual registram a marca do Metrô de Londres como paradigma do que se quer conseguir. Com efeito, a marca do *Subway* (*The Tube*, como é popularmente conhecido) criada em finais do século passado, manteve-se até hoje com um mínimo de redesenho.

Desde então logotipos, logomarcas etc., povoam a paisagem das cidades atuais, mostrando o nexo econômico existente entre as várias regiões do Globo, como podemos comprovar cotidianamente no cinema ou pela televisão, especialmente pelos programas de notícias.

Entretanto, convém notar que, até certo ponto, a Universidade é a anti-corporação multinacional. E também não se confunde com uma Empresa de Serviço Público.

Pois, como é sabido, há compromissos éticos com as atuais gerações e com as gerações futuras que, sem serem irrelevantes em relação às outras instituições mencionadas, não deixam de estar no fundamento, na essência da Universidade contemporânea. Ou seja, o compromisso com a democratização do conhecimento, na República atual e futura, é uma exigência incontornável da Universidade.

Igualmente, sendo internacional por suas relações com outras instituições e geograficamente fixa, a Universidade tem compromisso, aqui e agora, com o espaço concreto e com a História, passada e futura.

Em conclusão, sugiro que os itens citados a seguir sejam considerados no debate de sua imagem e de sua identidade visual.

Constrói-se a imagem da Universidade de São Paulo por meio da:

- Produção e publicidade dos egressos de suas faculdades,

participantes da atividade cotidiana em nossa sociedade. Nesse sentido a atual relação professor/aluno (um para nove) nos parece adequada, considerando a exigüidade de nossos recursos, mas situando-se no limite do tolerável. Algumas boas Universidades do primeiro mundo estabelecem uma relação de um docente para cada quatro alunos. É, sem dúvida, o item mais importante.

- Pesquisa científica, crítica e artística realizadas com seu auxílio ou em seu interior.
- Contribuição para a preservação e conservação do patrimônio de bens tangíveis e intangíveis da nossa sociedade e acesso aos bens da humanidade. Nesse item, como é óbvio, incluem-se os bens, objetos, edifícios e espaços sob sua direta responsabilidade.
- Garantia de acesso a todos os bens, *sem discriminação*, à toda população de estudiosos, de maneira a garantir não só a preservação do passado como a consciência futura dos valores humanos.

Se estas considerações iniciais forem aceitas, creio que podemos debater o presente e o futuro desejável para a Universidade não só de São Paulo, mas também para contribuir na definição da Universidade Brasileira e apresentar uma imagem e identidade que poderão refletir a instituição necessária e que já começa a ser exigida pela sociedade brasileira.

Notas

[1] O primeiro documento a registrar a necessidade de se aproximar a educação do processo produtivo e que rapidamente deu a volta ao Globo Terrestre foi o *Manifesto Comunista*, de 1848, de Karl Marx e Frederico Engels. Essa proposição provavelmente fazia eco, em parte, às experiências em curso desde a segunda metade do século XVIII, a propósito de "escolas profissionais", de nível médio, dirigidas às classes mais desfavorecidas. Essas escolas, através das quais se transmitiam os "ofícios mecânicos" tradicionais, eram complementadas por escolas profissionais de nível superior, destinadas a preencher os quadros técnicos do Estado com profissionais altamente qualificados: foram os primeiros engenheiros civis.

Mas, enquanto as "escolas profissionais" de nível médio ("Liceus de Artes e Ofícios") em sua maioria começaram como iniciativa civil de filantropos e sociedades filantrópicas (preparar os "despossuídos" para uma vida útil e

honesta), as escolas de engenharia foram, pelo menos na França, estabelecimentos do Estado e sempre contaram com as mais brilhantes inteligências do país.

Joachin Le Breton, quando propôs, em 1816, seu plano de ensino ao governo luso-brasileiro, pretendia oficializar o ensino profissional, estabelecendo uma dupla escola: uma de "Belas Artes" (aí incluída a arquitetura) para os filhos das classes superiores e uma escola profissional para "oficiais mecânicos" dirigida às classes populares. Mas sua proposta não vingou e o primeiro Liceu de Artes e Ofícios foi somente criado em 1852, no Rio de Janeiro, pelo arquiteto Bettancourt, nos mesmos moldes europeus de uma sociedade civil, como, aliás, seu congênere de São Paulo, em 1894.

Como as escolas profissionais de nível médio não se integraram durante todo o século passado na rede geral de ensino, permanecendo até certo ponto marginais, como "iniciativa privada", caracterizaram-se também por incertos pressupostos filosóficos, com um ensino marcado por lentíssimo progresso, sem uma crítica atuante, e permaneceram, pelo menos como imagem, com um caráter de "ensino de segunda classe".

[2] No livro *Raízes do Brasil*, muito significativamente, no momento mesmo em que se fundava a Universidade de São Paulo, o historiador Sérgio Buarque de Holanda fazia um balanço das Universidades latino-americanas, mostrando, implicitamente, o atraso mutissecular luso-brasileiro na área.

Somente agora, nestas últimas décadas, entretanto, começa-se a pesquisar a contribuição dessas Universidades para a ampliação do conhecimento humano e, quem sabe, a figura até hoje solitária do Licenciado Alvaro Alonso Barba com seu "Arte de los Metales" do século XVII, se reunirá com outras figuras pelo menos tão significativas quanto o notável metalurgista do Alto Peru como, por exemplo, o padre João Andreoni. Mas convém não esquecer que o licenciado padre Barba não ensinou, que se saiba, em nenhuma Universidade espanhola ou americana, sendo seu livro publicado desde 1640 na Espanha, Itália, França e Inglaterra. Sua função era a de ser pároco de São Bernardo em Potosi.

Compreende-se, pois, que essas Universidades coloniais não gozam do mesmo prestígio sob o Império Espanhol que aqueles centros de saber europeus contemporâneos bastante mais conhecidos pelas inteligências que abrigaram. As razões principais, parece-nos, apóiam-se nos fatos de que essas Universidades se limitaram a fornecer os quadros administrativos necessários para a continuidade do Império, onde qualquer veleidade de dissidência era punida com as mais brutais perseguições, quando não por "autos de fé" inquisitoriais. Os grupos dirigentes também aceitaram passivamente esse sistema opressivo e foram mesmo com ele coniventes, tendo como resultado um dos períodos mais estéreis, do ponto de vista crítico, no Império Português.

Eis porque se pode definir a Universidade Moderna, por contraste, simplesmente por auto-educação, pesquisa e autonomia de consciência.

A USP e sua identidade visual

Breve histórico das iniciativas visando ao estabelecimento de uma identidade visual da USP, desde sua criação, em 1934, até o presente.

1. Apresentação do problema

A USP se comunica de várias maneiras, tanto com a comunidade interna quanto com o público externo. Grande parte das mensagens que ela emite são mensagens visuais.

A imagem da instituição é construída por meios às vezes insuspeitados. Pode ser pela foto do jornal na qual aparece a placa de uma unidade, pelo uniforme do funcionário que atende o público, pela pintura do ônibus que circula pelas ruas ou pela maneira de grafar a sigla USP no folheto de um evento.

Atualmente, as mensagens visuais que a USP emite apresentam uma variação exagerada em sua linguagem gráfica. Não há coordenação entre elas, e a conseqüência é que a imagem da instituição junto à comunidade interna e junto ao público externo se fragiliza.

Nas páginas seguintes podem ser vistos exemplos da quantidade e da diversidade de mensagens visuais emitidas pela USP e da falta de coordenação entre elas.

USP

60 anos
USP

UNIVERSIDADE
SÃO PAULO
USP

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MESTRE
Estruturas Ambientais Urbanas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

USP

USP
informações
gerais para
os novos
alunos da USP
do
manual
calouro
96

Universidade de São Paulo
REGIMENTO
GERAL
1990

21 A 27 DE OUTUBRO DE 96
MÚSICA - EXPOSIÇÕES - CINEMA - TEATRO - PALESTRAS - DANÇA
SEMA
NADE
ARTE
ECUL
TURA
USP

USP Anuário
Estatístico
96

USP
PREFEITURA DO CAMPUS DA CAPITAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO (PCO)
DIVISÃO/SEÇÃO
FUNÇÃO
VISITANTE
NOME
Nº FUNCIONAL
217
R.G.

DOCENTE
USP
REITORIA

USP
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PREFEITURA DO CAMPUS DA CAPITAL
Controle de Entrada/Saida
Nº
Mantenha este cartão em seu poder.
Não o deixe no veículo.
Devolva na saída.

USP
banespa
VALID THRU
LUIZ ROBERTO PRADO
VISA

CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO
USP
NÚMERO
CATEGORIA
NOME

EX-LIBRIS
UNIVERSIDADE
1934
SP
COLLEGIO
1554
UNIVERSIDADE·DE·SÃO·PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

USP
filme

JORNAL DA USP
Ano XII Nº 370
11 a 17 de novembro de 1996
Coordenadoria de Comunicação Social

USP RIBEIRÃO
Assessoria de Comunicação Social e Imprensa - Prefeitura do Campus Administrativo de Ribeirão Preto
Nº 584 - 25/11 a 01/12/96

HEMOCENTRO REALIZA SEMANA DE ATIVIDADES PARA HOMENAGEAR DOADORES

De 24 a 30 de novembro, o Cen-

Foto: João C. de Melo/HCFMRP

tiva ao trabalho de conscientização que realiza. Os bancos escolares têm sido um dos alvos principais. Para ela, "mitos e preconceitos são fruto do desconhecimento e falta de cultura de doação de sangue", concluiu lembrando exemplos de países que, pela relação com vivências de guerras, acabaram por tomar o ato de doação de sangue um dever cívico.

Para maiores informações sobre doações de sangue, os interessados podem procurar pelo setor de Comunicação Social do Hemocentro, que fica junto à recepção da Instituição, mais 247 e mana pelo

ADOR
com ida-
de 50Kg
poderão
dos res-
erá portar
um
antes da
es abun-
ra doar.
ado após
sas como
ensa, su-
gir veícu-
ncia após
es e uma

ANA
CÕES
MAS
CIA

CALENDÁRIO CULTURAL DA USP
Publicação da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária
DEZEMBRO/96

ENCONTRO DOS MESTR NOVO E VETERA

Na página 3 matéria sobre o "Encontro de Ger
com depoimentos dos docentes aposentados

UM RETRATO E DE PAULO E

Na página 15 artigo do professor Ca
documento sobre o grande crítico de cin

CULTURA NOS CURRÍCULOS: UMA PROPOSTA INOVADORA

Leia na página 13 matéria especial sobre

2. Objetivos do trabalho

Entende-se por identidade visual o recurso por meio do qual uma instituição traduz ao público com o qual se comunica as características que lhe são próprias e exclusivas.

O problema detectado é de fragilidade da atual identidade visual da USP. Em conseqüência disso, a imagem que ela veicula não traduz seus objetivos para a comunidade interna e para o público externo.

Entende-se por sistema de identidade visual o conjunto de normas que garante a coordenação das mensagens que uma instituição emite. Em outras palavras, é um instrumento destinado a dar um sentido de unidade à imagem da instituição dentro da diversidade de mensagens que ela emite.

O objetivo do trabalho que se inicia é o de repensar o sistema de identidade visual da USP, tendo como pressuposto que essa tarefa implica repensar a própria universidade.

3. A complexidade da USP

A história da USP é marcada por uma crescente complexização de sua estrutura. As peculiaridades de seu processo de formação dificultaram ainda mais a construção de uma imagem capaz de traduzir sua identidade.

Uma simples listagem das 71 unidades que a compõem — sem incluir os numerosos núcleos existentes — é suficiente para dar uma dimensão do tamanho, da heterogeneidade, da abrangência e da complexidade da instituição (eventuais falhas na listagem podem ser creditadas à dificuldade de reunir todas as informações, tal a complexidade da instituição).

3.1. Unidades de ensino e pesquisa

3.1.1. ECA — Escola de Comunicações e Artes
3.1.2. EE — Escola de Enfermagem
3.1.3. EEF — Escola de Educação Física
3.1.4. EERP — Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
3.1.5. EESC — Escola de Engenharia de São Carlos
3.1.6. EP — Escola Politécnica
3.1.7. ESALQ — Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
3.1.8. FAU — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
3.1.9. FCF — Faculdade de Ciências Farmacêuticas
3.1.10. FCFRP — Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto
3.1.11. FD — Faculdade de Direito
3.1.12. FE — Faculdade de Educação
3.1.13. FEA — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
3.1.14. FEARP — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto
3.1.15. FFCLRP — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
3.1.16. FFLCH — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
3.1.17. FM — Faculdade de Medicina
3.1.18. FMRP — Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
3.1.19. FMVZ — Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
3.1.20. FO — Faculdade de Odontologia
3.1.21. FOB — Faculdade de Odontologia de Bauru
3.1.22. FORP — Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto
3.1.23. FSP — Faculdade de Saúde Pública

3.1.24. FZEA — Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos de Pirassununga
3.1.25. IAG — Instituto Astronômico e Geofísico
3.1.26. IB — Instituto de Biociências
3.1.27. ICB — Instituto Ciências Biomédicas
3.1.28. ICMSC — Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos
3.1.29. IF — Instituto de Física
3.1.30. IFSC — Instituto de Física de São Carlos
3.1.31. IGc — Instituto de Geociências
3.1.32. IME — Instituto de Matemática e Estatística
3.1.33. IO — Instituto Oceanográfico
3.1.34. IP — Instituto de Psicologia
3.1.35. IQ — Instituto de Química
3.1.36. IQSC — Instituto de Química de São Carlos

3.2. Centros e Institutos especializados

3.2.1. CEBIMar — Centro de Biologia Marinha (São Sebastião)
3.2.2. CENA — Centro de Energia Nuclear na Agricultura
3.2.3. IEA — Instituto de Estudos Avançados
3.2.4. IEB — Instituto de Estudos Brasileiros
3.2.5. IEE — Instituto de Eletrotécnica e Energia

3.3. Hospitais e serviços anexos

3.3.1. HPRLLP — Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais
3.3.2. HU — Hospital Universitário
3.3.3. SVOC — Serviço de Verificação de Óbitos da Capital
3.3.4. SVOI — Serviço de Verificação de Óbitos do Interior
3.3.5. SESA — Serviço Especial de Saúde de Araraquara

3.4. Museus

3.4.1. MAC — Museu de Arte Contemporânea
3.4.2. MAE — Museu de Arqueologia e Etnologia
3.4.3. MP — Museu Paulista
3.4.4. MZ — Museu de Zoologia

3.5. Órgãos Centrais de Direção e Serviço

3.5.1. CCE — Centro de Computação Eletrônica
3.5.2. CCS — Coordenadoria de Comunicação Social

3.5.3. CECAE — Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais
3.5.4. CEPEUSP — Centro de Práticas Esportivas da USP
3.5.5. CISC — Centro de Informática de São Carlos
3.5.6. CODAGE — Coordenadoria de Administração Geral
3.5.7. COSEAS — Coordenadoria de Assistência Social
3.5.8. EDUSP — Editora da USP
3.5.9. FUNDUSP — Fundo de Construção da USP
3.5.10. PCB — Prefeitura do Campus Administrativo de Bauru
3.5.11. PCO — Prefeitura da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira
3.5.12. PCPS — Prefeitura do Campus Administrativo de Pirassununga
3.5.13. PCRP — Prefeitura do Campus Administrativo de Ribeirão Preto
3.5.14. PCSC — Prefeitura do Campus Administrativo de São Carlos
3.5.15. PCLQ — Prefeitura do Campus Luiz de Queiroz
3.5.16. PRO-CEX — Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária
3.5.17. PRO-GRAD — Pró-Reitoria de Graduação
3.5.18. PRO-PESQ — Pró-Reitoria de Pesquisa
3.5.19. PRO-PGR — Pró-Reitoria de Pós-Graduação
3.5.20. RUSP — Reitoria
3.5.21. SIBI — Sistema Integrado de Bibliotecas

Diretriz preliminar

Um sistema de identidade visual da USP deve partir de uma postura de respeito à autonomia das unidades na definição das normas para a emissão de suas próprias mensagens visuais.

4. Os sinais de identificação da USP

Ao longo de sua história, a USP já foi representada por três sinais de identificação.

4.1. O brasão criado em 1934 e em uso até hoje.

4.2. O logotipo criado em 1971 e em desuso a partir de 1977.

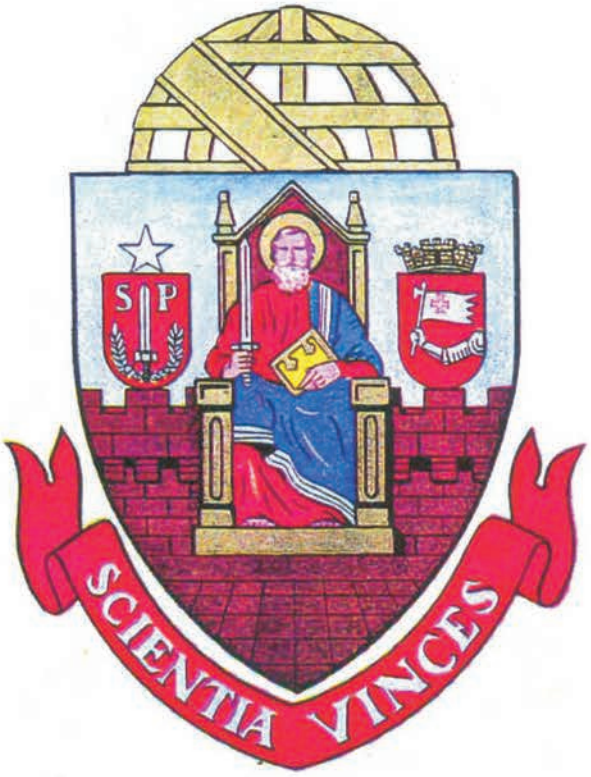
4.3. O logotipo criado em 1977 e em uso até hoje.

5. O brasão

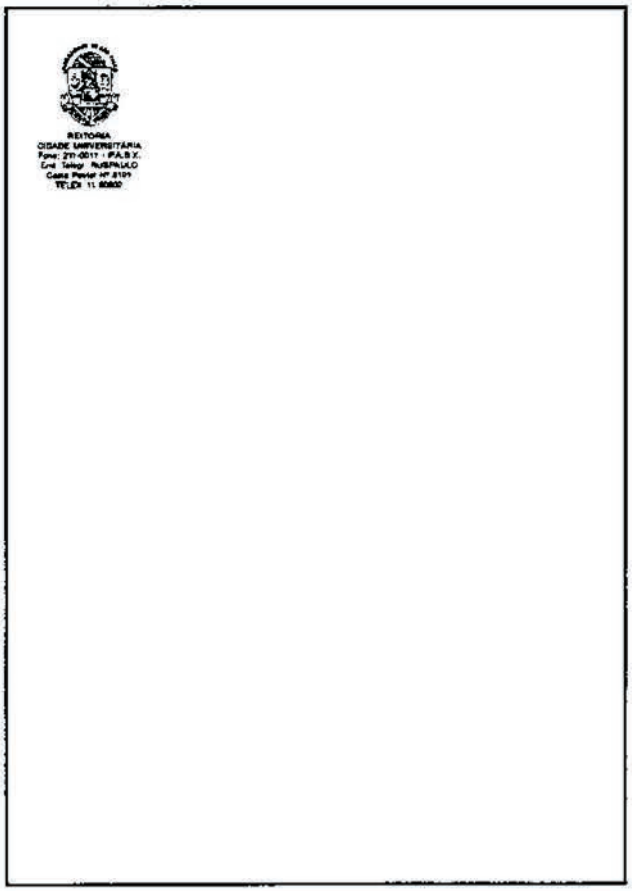
Em 1934, a USP encomendou a José Wasth Rodrigues a confecção de um brasão que pudesse atribuir à recém-criada universidade o mesmo lastro de tradição que caracterizava as grandes universidades européias e norte-americanas.

José Wasth Rodrigues descreveu o brasão deste modo:

Em escudo antigo o apóstolo São Paulo, sentado numa cátedra guarnecida de ouro, encostada a um muro ameiado, acompanhado à dextra pelo escudo do Estado de São Paulo e à sinistra pelo da Capital, ambos com seus timbres. O apóstolo de encarnação, vestido de vermelho e de manto azul, empunha com a dextra uma espada em riste e mantém com a sinistra um livro. A cátedra é firmada sobre dois degraus e estes sobre o chão em ponta. Tudo na sua cor. Timbre: esfera armilar sainte de ouro. Listão vermelho com a divisa: "Sciencia vinces", em letras de prata.



A aplicações atuais mais significativas do brasão são nos papéis oficiais e documentos da Reitoria e nos diplomas.



6. O logotipo de 1971

Em 1971, foi elaborado um logotipo para a USP pelo escritório Maitiry, sob o patrocínio da Fundação Itaú América. Os autores do projeto assim o descreveram:

> *Estrutura de um só movimento, à imagem de gregas. Idéia nobre e histórica do pensamento e de sua transmissão. Módulos de salas de aula, compartimentos, setores combinatórios, como um organismo evolutivo. Forma sem reticências visuais, sem hermetismo nem apelos sofisticados. Propositadamente objetivo, digno sem austeridade. Apenas diferenciado da emblemática comercial, industrial. Moderno na sua abordagem gráfica, semântica, como algo que analisa (computador) e não é descritivo (heráldica).*

O logotipo foi parcialmente implantado. O desenho da frota de ônibus da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, em São Paulo, é talvez sua aplicação mais memorável. A partir de 1977 ele caiu em desuso, em virtude do desenvolvimento de novo projeto de logotipo para a USP.

7. O logotipo de 1977

Em 1977, numa iniciativa pioneira no âmbito das universidades brasileiras, a USP contratou uma equipe de profissionais para projetar um novo sinal de identificação para a instituição. Essa equipe foi composta pelo Arquiteto José Carlos de Araujo, pelo Programador Visual João Delbucio Filho e pela Arquiteta Geny Yoshiko Uehara.

Desta vez, o problema foi considerado a partir de uma perspectiva bem mais abrangente que a experiência anterior, e a equipe projetou efetivamente um sistema de identidade visual. Esse sistema era composto pelos seguintes elementos:

- Logotipo
- Cores-padrão
- Unidade cromática-padrão
- Logotipo + Identidade cromática
- Alfabeto-padrão
- Signos direcionais
- Pictogramas

O logotipo proposto foi assim descrito pelos autores:

A criação do novo logotipo da Universidade obedeceu a critérios que possibilitassem a escolha da melhor solução em termos de forma, função e significado. [...] A sigla USP foi caracterizada graficamente através de um desenho particular desenvolvido sobre uma malha geométrica. Durante a execução desse desenho, procurou-se usar elementos que fossem independentes de modismos, fornecendo ao logotipo condições de resistir ao tempo, mantendo a atualidade. Ao mesmo tempo, o logotipo deveria poder ser reproduzido nos mais diversos materiais, com técnicas diferentes, resistir a reduções, distorções devido aos meios em que fosse aplicado, sem perder suas características de legibilidade.

Segue-se a reprodução de alguns dos componentes do sistema, visando a fornecer uma noção aproximada de sua estrutura.

7.1. Os componentes do sistema

7.1.1. Logotipo

Versão positiva

Versão negativa

7.1.2. Cores-padrão

Azul 1 *Azul 2* *Laranja*

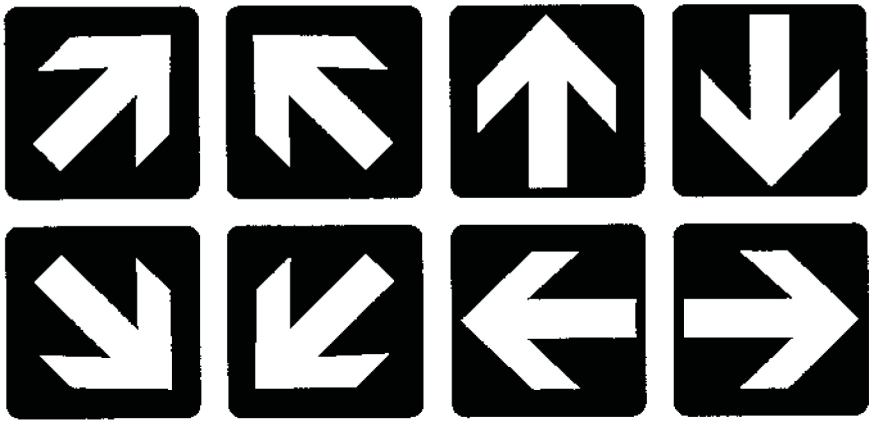
7.1.3. Unidade cromática-padrão

7.1.4. Logotipo + Identidade cromática (em duas versões)

7.1.5. Alfabeto-padrão

abcdefghijklmn
opqrstuvwxyz
1234567890AB
CDEFGHIJKLM
NOPQRSTUVW
XYZ ?!;èâé,.

7.1.6. Signos direcionais



7.1.7. Pictogramas de serviços

7.1.8. Pictogramas de esportes

7.2. Implantação do sistema

De 1977 até 1979, a implantação e o desenvolvimento do sistema foram gerenciadas pelo Fundusp — órgão responsável pelo planejamento, projeto e construção dos campi da USP —, sob a coordenação de parte da equipe original que o concebeu, o Arquiteto Araujo e o Programador Visual Delbucio.

De 1977 até 1994, essas tarefas foram gerenciadas pela Prefeitura do Campus de São Paulo — órgão responsável por sua operação e manutenção —, sob a coordenação da Arquiteta Cinzia de Araujo, de início em trabalho conjunto com a equipe original. O sistema foi desdobrado com sucesso em aplicações de diversas naturezas, dentre as quais destacam-se a sinalização do Campus de São Paulo, a pintura das frotas de ônibus, de automóveis e de motocicletas, a bandeira, o padrão gráfico para cartazes e as placas de obra e de inauguração de edifícios, entre outras.

A partir de 1988, a Prefeitura passou a responder também, quando solicitada, pela manutenção dos edifícios. Com isso, foram realizados projetos de sinalização interna de edifícios dentro das diretrizes estabelecidas pelo sistema original.

No entanto, o sistema encontrou dificuldades para sua implantação definitiva, seja por razões de ordem técnica, seja pela falta de compreensão pela comunidade universitária da magnitude e da importância do problema, seja por não haver órgão oficialmente responsável pela tarefa. A Prefeitura contava com quadros técnicos habilitados para isso, mas não tinha atribuição para formular diretrizes para toda a USP. Nesse período, foi freqüente a solicitação informal de orientação sobre a maneira mais adequada de solucionar problemas de comunicação visual dentro dos princípios estabelecidos pelo sistema.

Segue-se a reprodução de algumas das aplicações do sistema de identidade visual proposto em 1977.

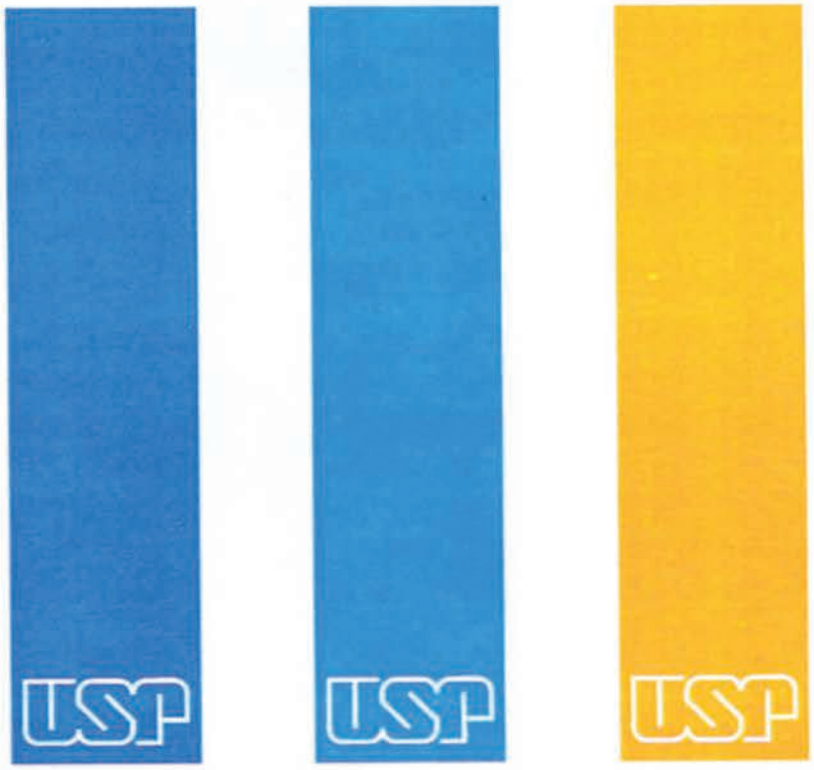
7.2.1. Ônibus

7.2.2. Automóveis

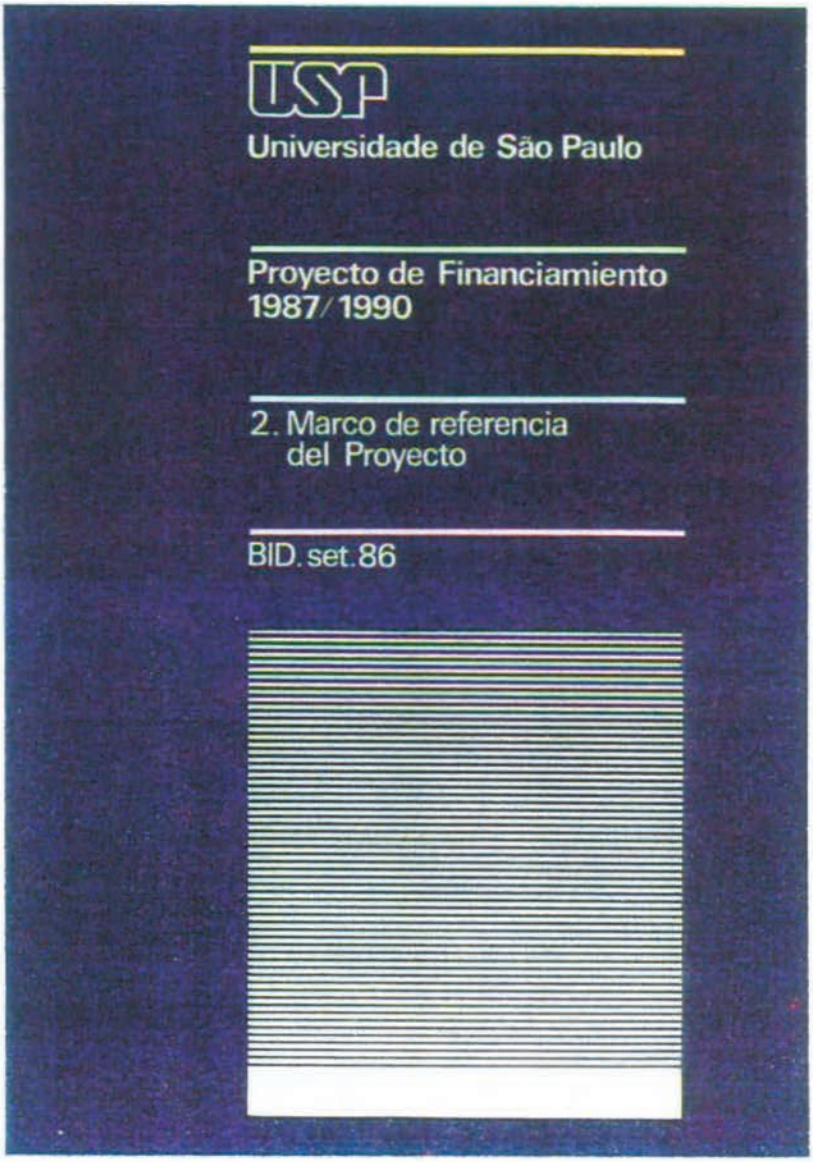
7.2.5. Cartazes e folhetos de eventos

7.2.3. Bandeira

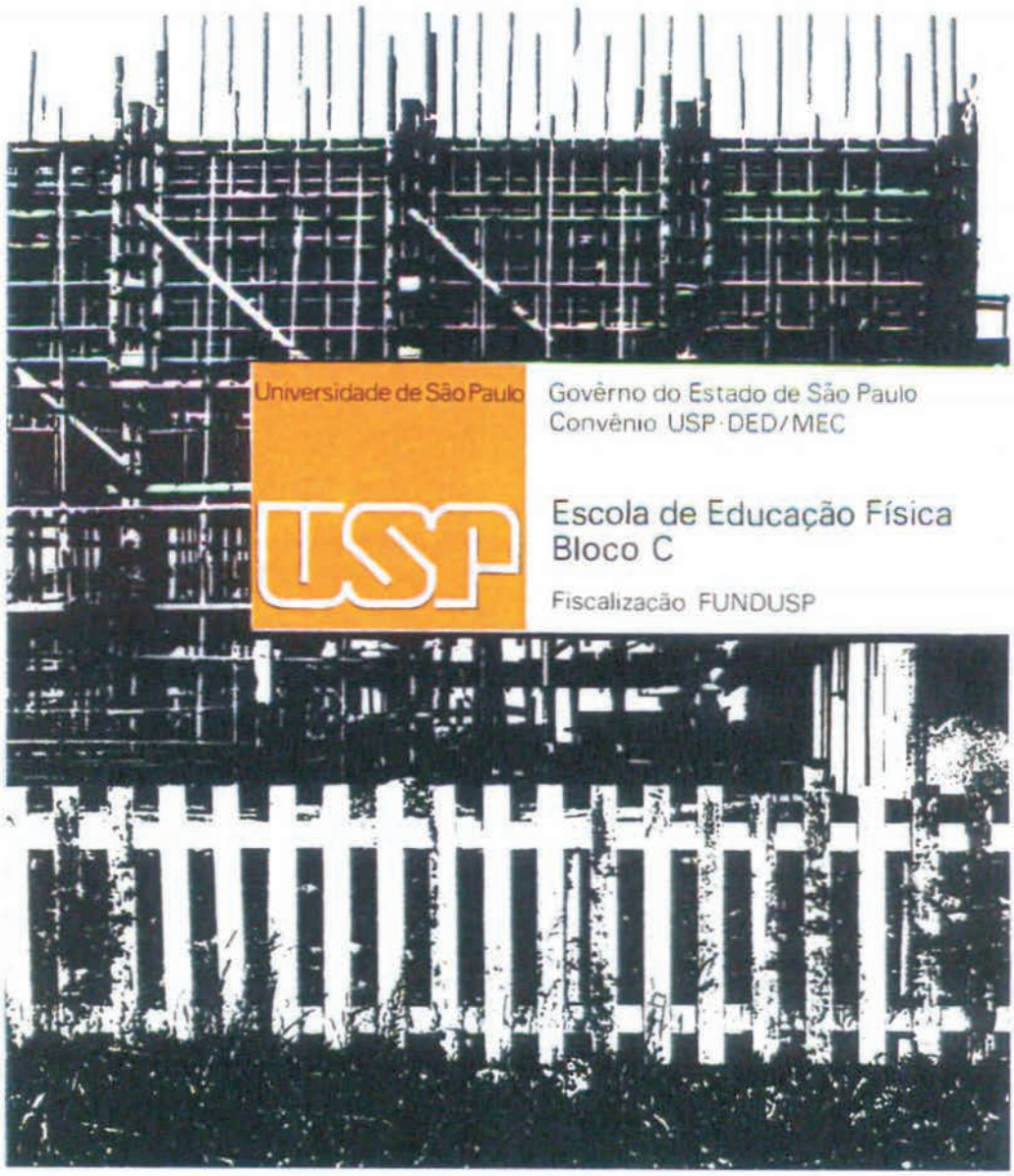
7.2.4. Banners



7.2.6. Capas de documentos e publicações



7.2.7. Placas de obras



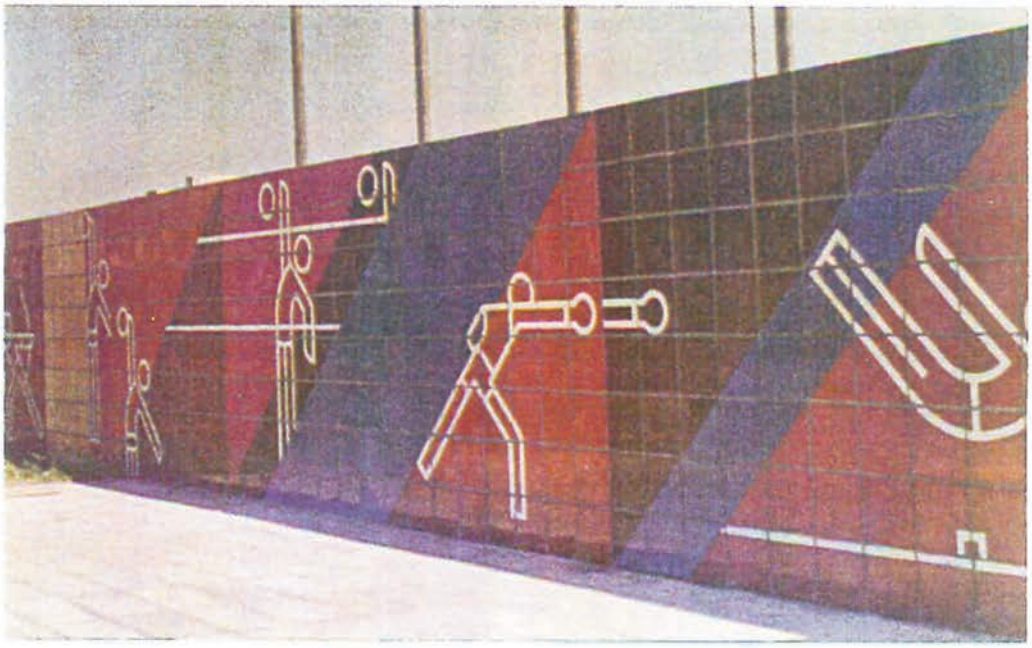
7.2.8. Sinalização do campus

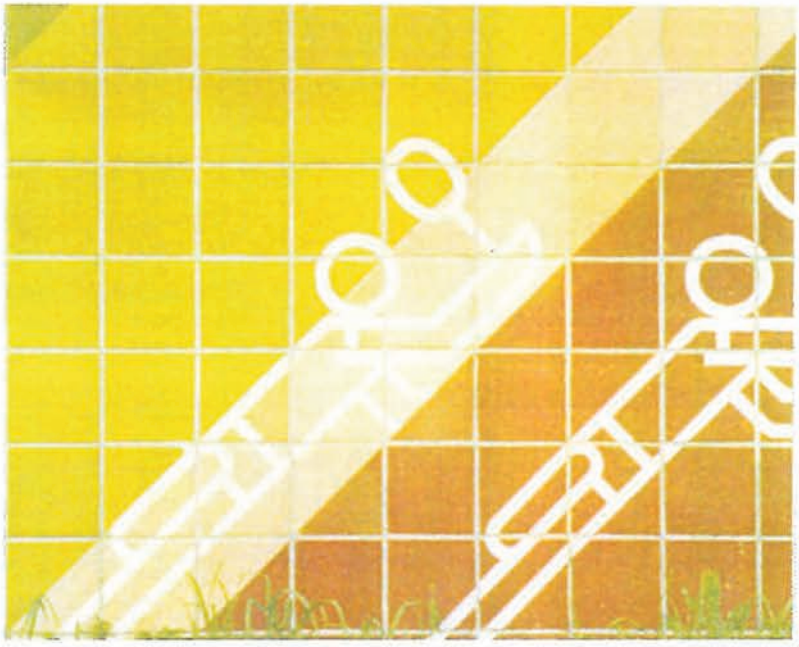
UNILASSE
Faculdade de Educação

Economia
Poli / Exercícios

CINUSP

7.2.9. Mural do CEPEUSP





7.3. O selo do cinqüentenário

Em 1984 a USP contratou o designer Alexandre Wollner para projetar o selo do cinqüentenário da instituição. A proposta apresentada consistia na letra L envolvendo o logotipo da USP, estabelecendo uma referência erudita para a grafia do numeral cinqüenta. O selo foi veiculado amplamente, sendo aplicado tanto em impressos internos quanto em out-doors nas ruas de São Paulo. Foi um momento de grande visibilidade da identidade visual da USP para o público externo.

Se por um lado o selo teve grande impacto, por outro ele deu margem a usos inadequados, como sua permanência na papelaria de algumas unidades após 1984, um uso incompatível com sua intenção original.

8. Os sinais de identificação das unidades

Já foi dito neste documento que a USP é constituída por 71 unidades, sendo 36 unidades de ensino e pesquisa, 5 centros e institutos especializados, 5 hospitais e serviços relacionados à saúde, 4 museus e 21 órgãos administrativos centrais. Dentre essas unidades, várias contam com sinais de identificação próprios. Da observação desses sinais é possível tirar três conclusões.

Em primeiro lugar, trata-se de um conjunto marcado por forte heterogeneidade.

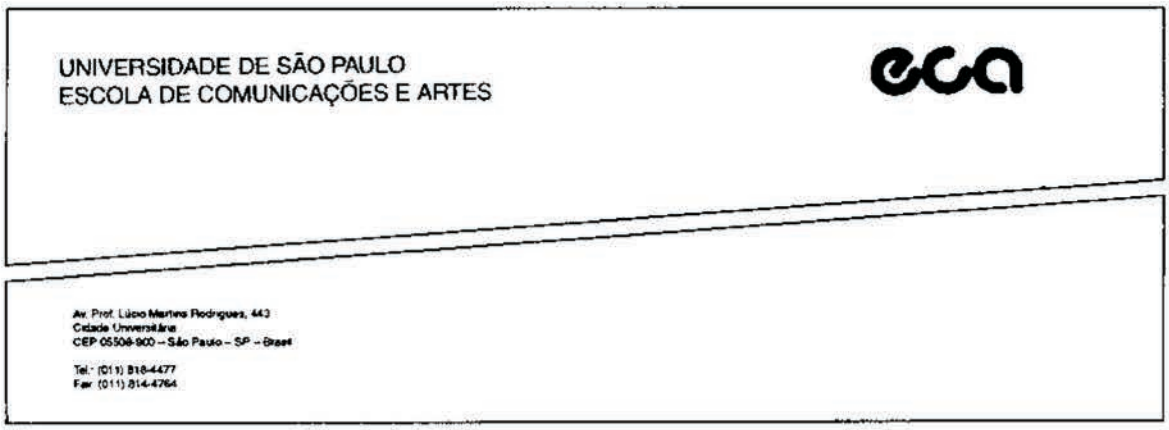
Em segundo lugar, trata-se de um conjunto desigual do ponto de vista de desempenho técnico da linguagem gráfica: enquanto algumas unidades possuem sinais de qualidade, outras possuem sinais que se ressentem de um maior apuro em sua elaboração.

Por fim, mesmo algumas das unidades que possuem sinais de boa qualidade técnica ressentem-se da ausência de um sistema de identidade visual.

A título de complementação do panorama da identidade visual da USP traçado neste documento, seguem-se reproduções reduzidas dos papéis oficiais das unidades.

8.1. Unidades de ensino e pesquisa

8.1.1. ECA — Escola de Comunicações e Artes

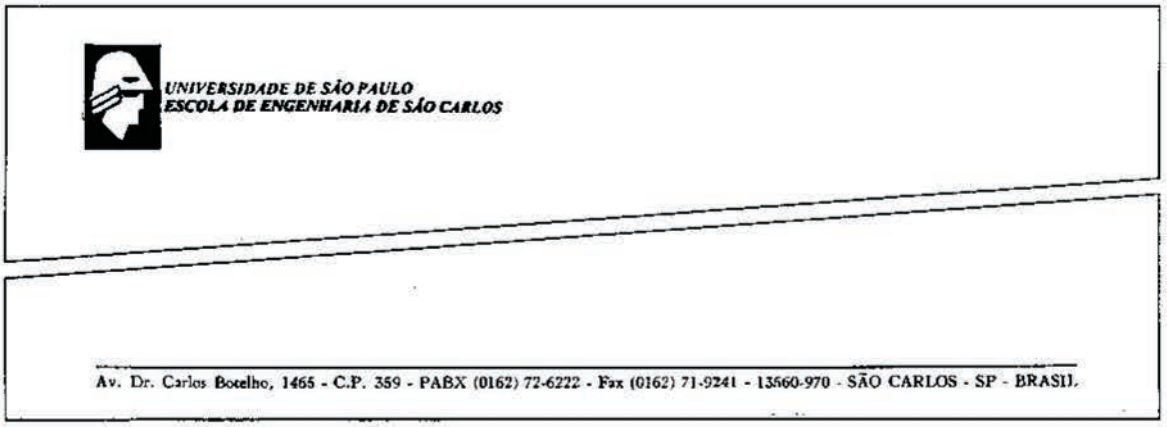


8.1.2. EE — Escola de Enfermagem

8.1.3. EEF — Escola de Educação Física

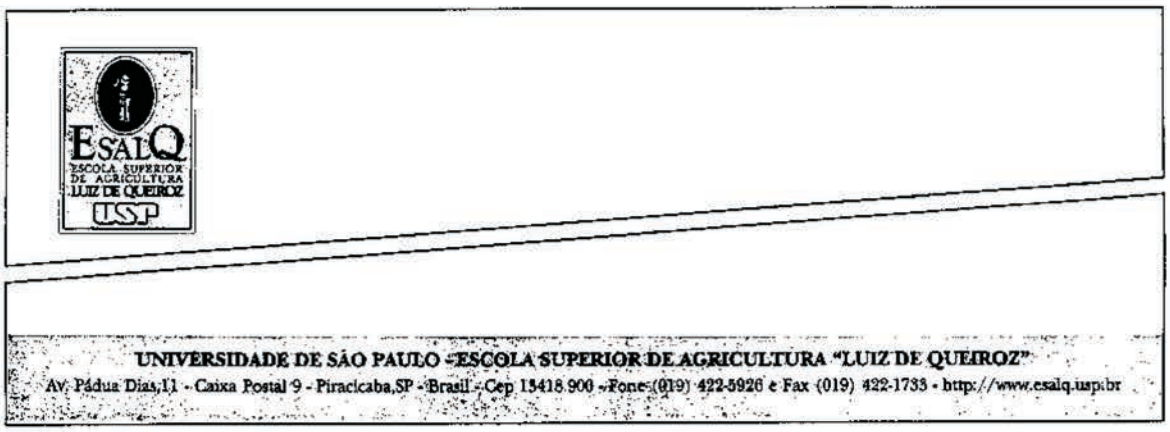
8.1.4. EERP — Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

8.1.5. EESC — Escola de Engenharia de São Carlos

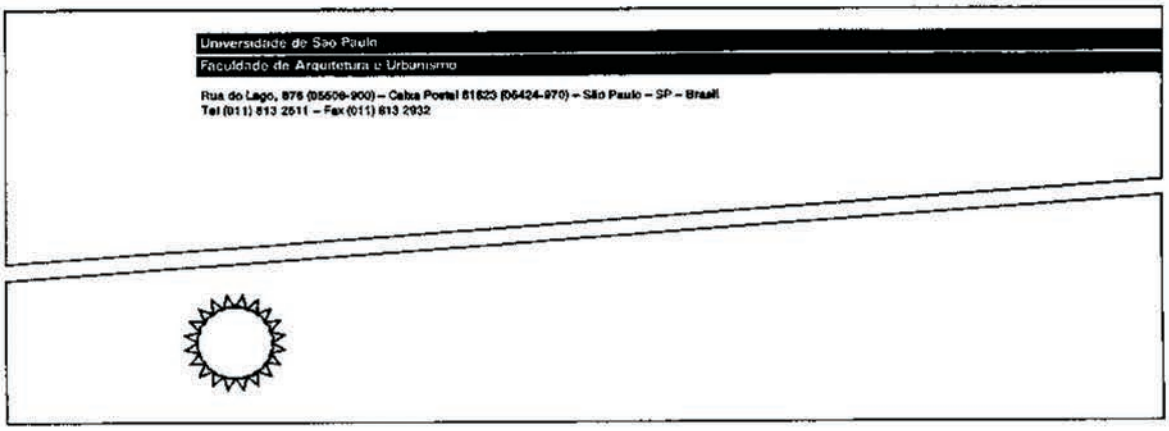


8.1.6. EP — Escola Politécnica

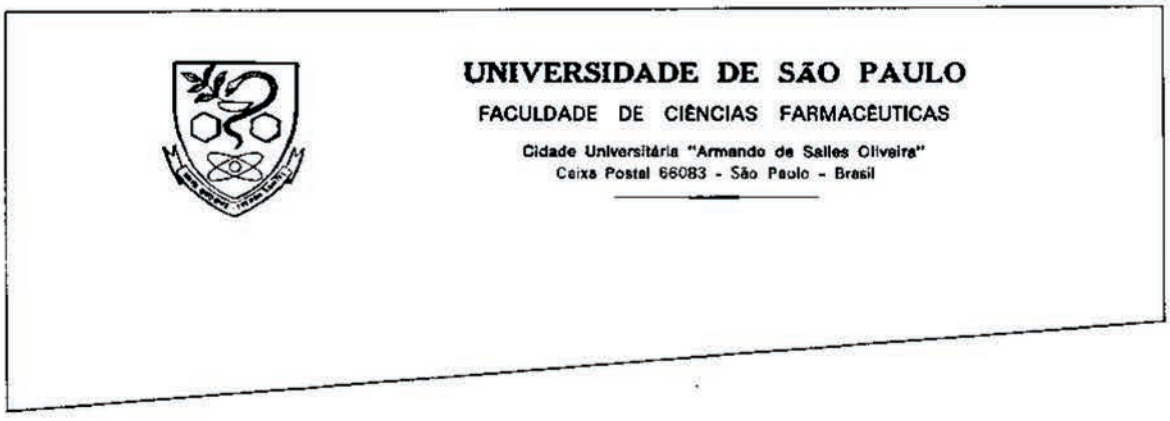
8.1.7. ESALQ — Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz



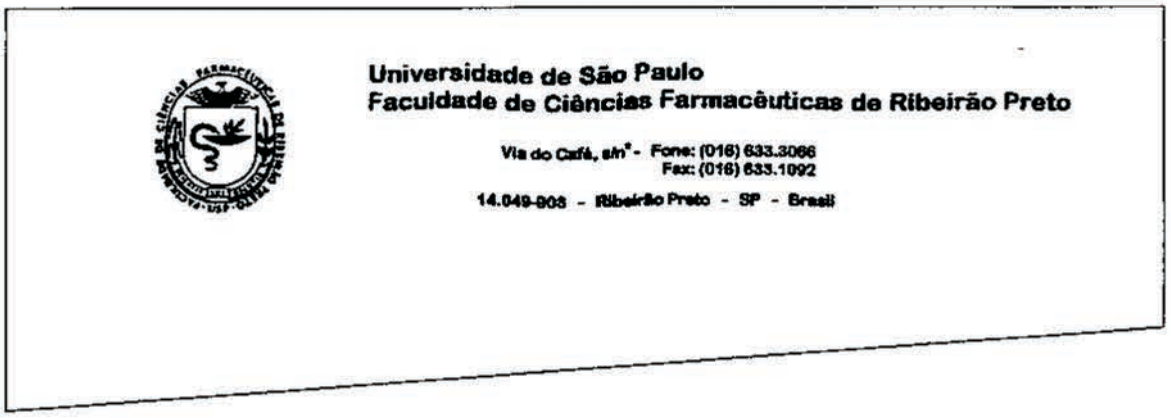
8.1.8. FAU — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo



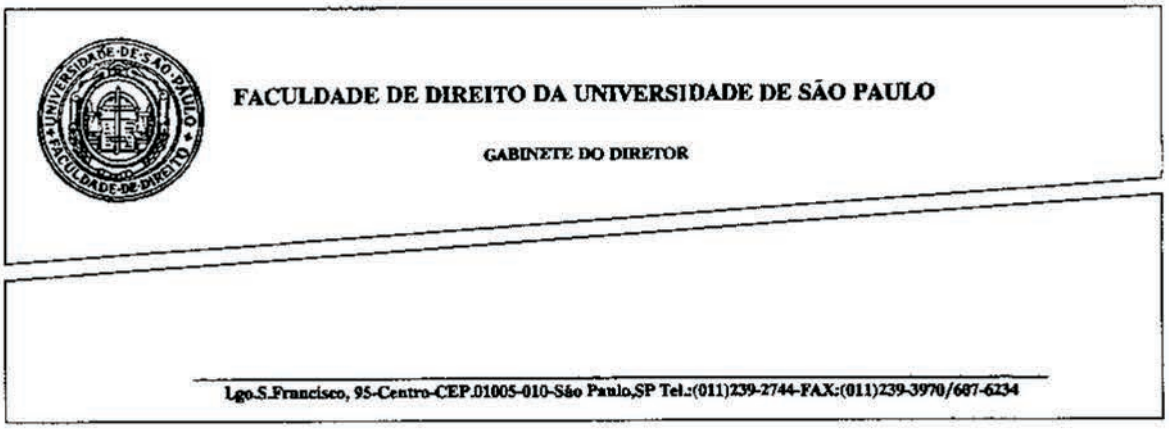
8.1.9. FCF — Faculdade de Ciências Farmacêuticas



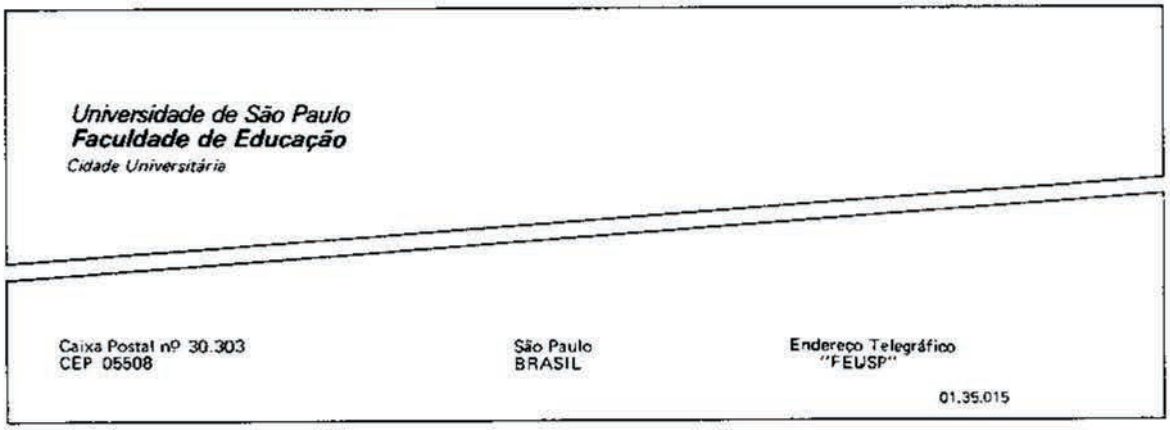
8.1.10. FCFRP — Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto



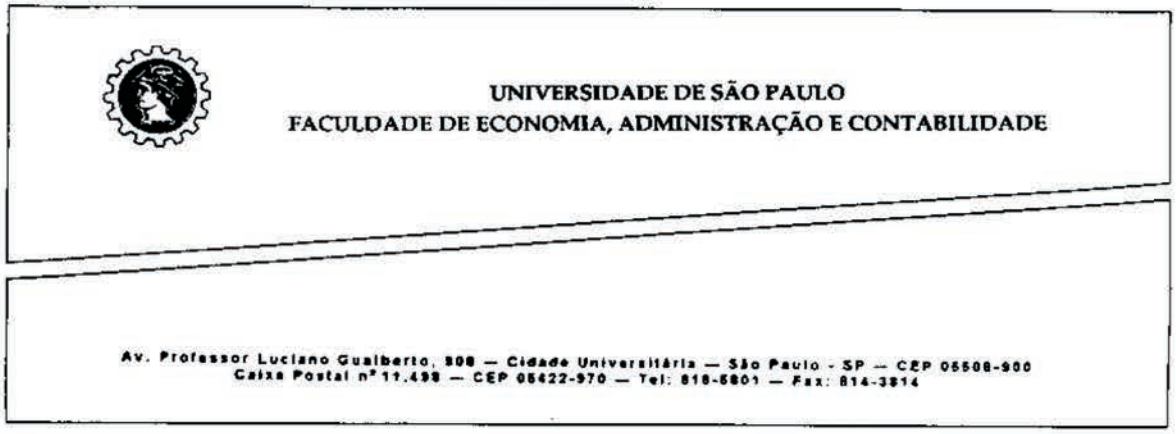
8.1.11. FD — Faculdade de Direito



8.1.12. FE — Faculdade de Educação

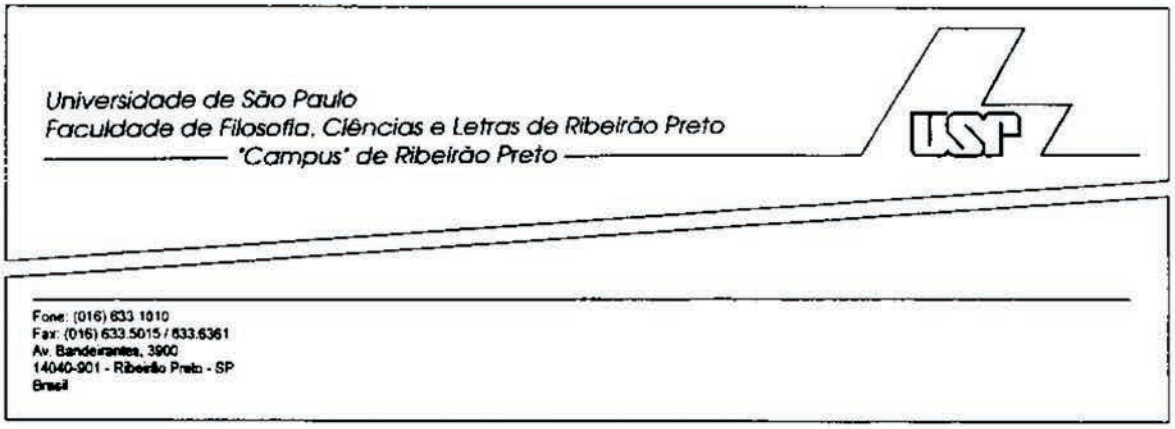


8.1.13. FEA — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

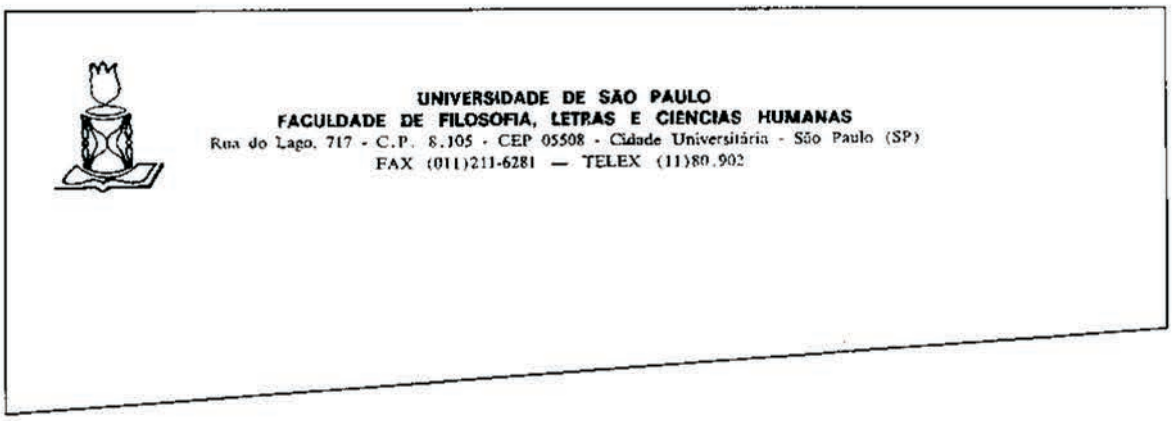


8.1.14. FEARP — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto

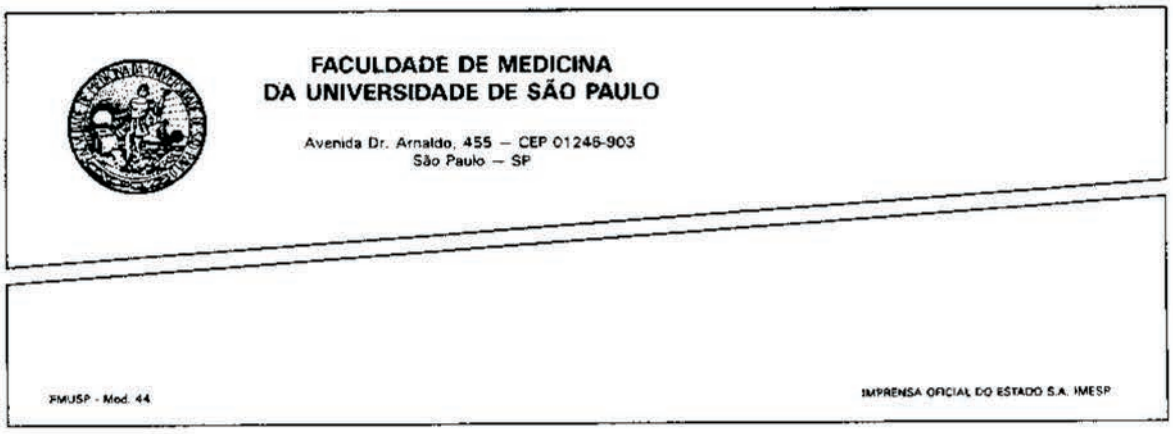
8.1.15. FFCLRP — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto



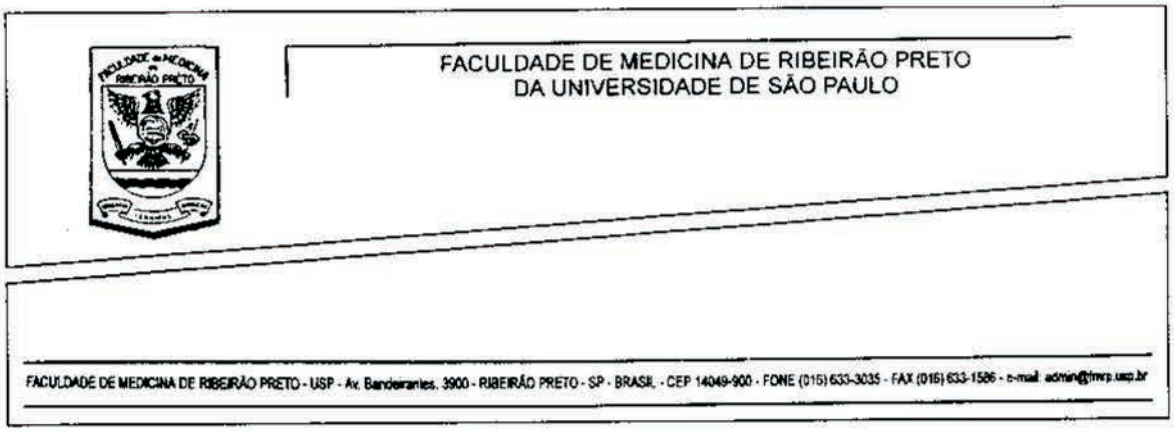
8.1.16. FFLCH — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas



8.1.17. FM — Faculdade de Medicina



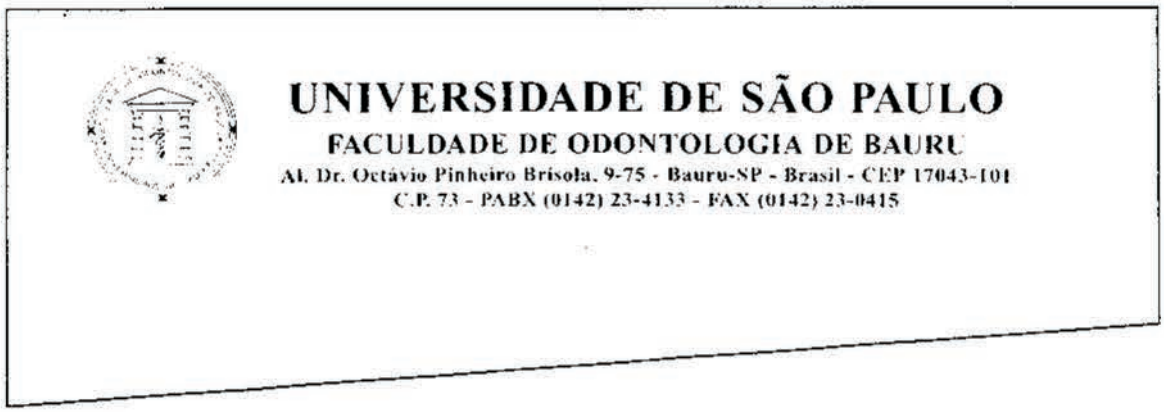
8.1.18. FMRP — Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto



8.1.19. FMVZ — Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia

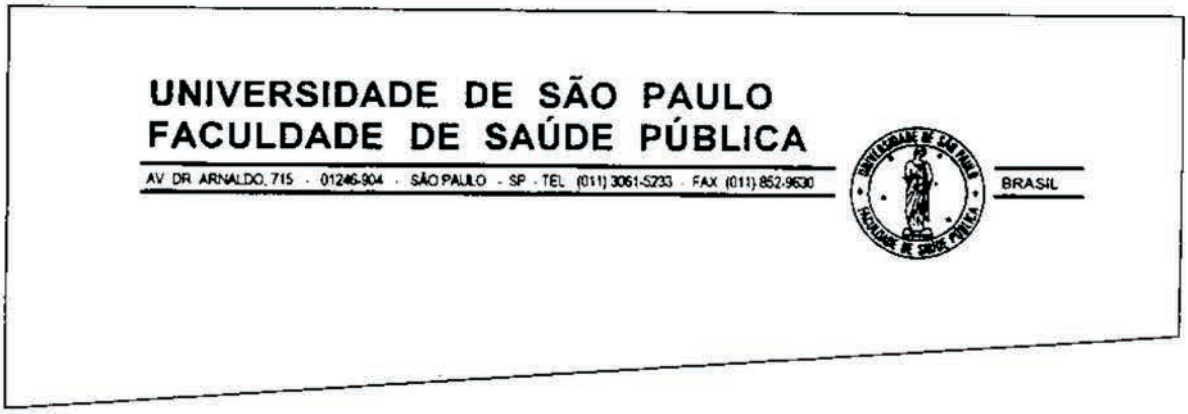
8.1.20. FO — Faculdade de Odontologia

8.1.21. FOB — Faculdade de Odontologia de Bauru



8.1.22. FORP — Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto

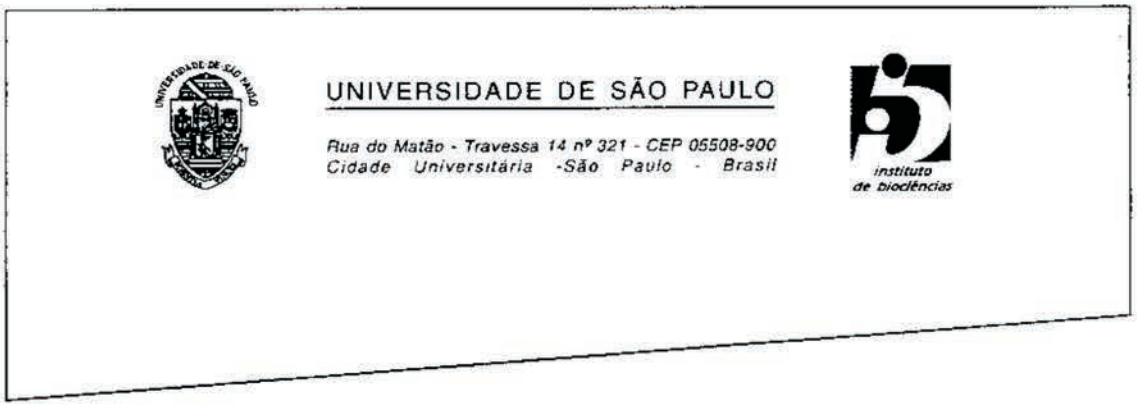
8.1.23. FSP — Faculdade de Saúde Pública



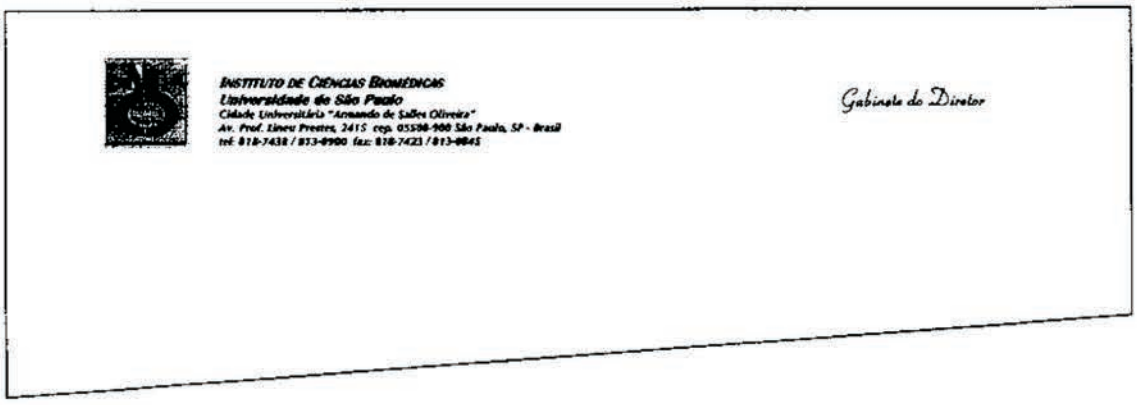
8.1.24. FZEA — Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos de Pirassununga

8.1.25. IAG — Instituto Astronômico e Geofísico

8.1.26. IB — Instituto de Biociências



8.1.27. ICB — Instituto Ciências Biomédicas

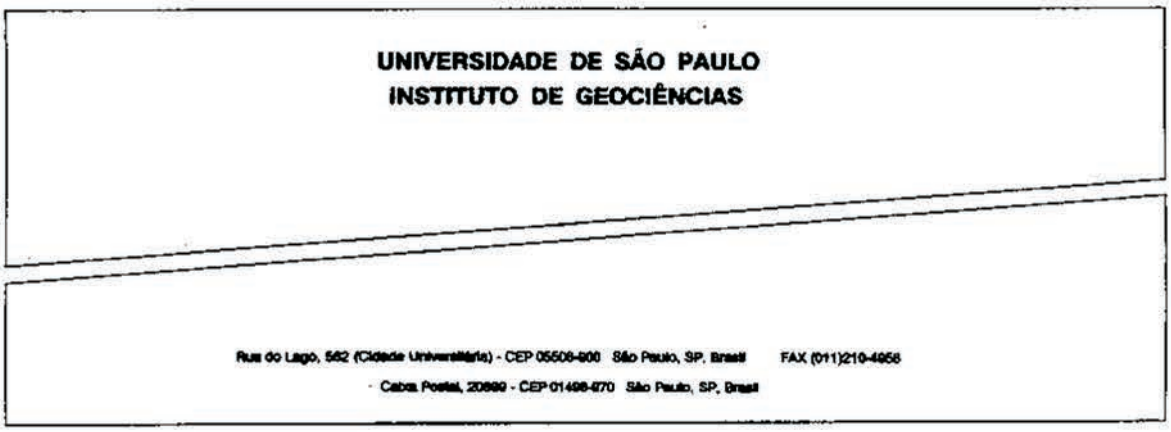


8.1.28. ICMSC — Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos

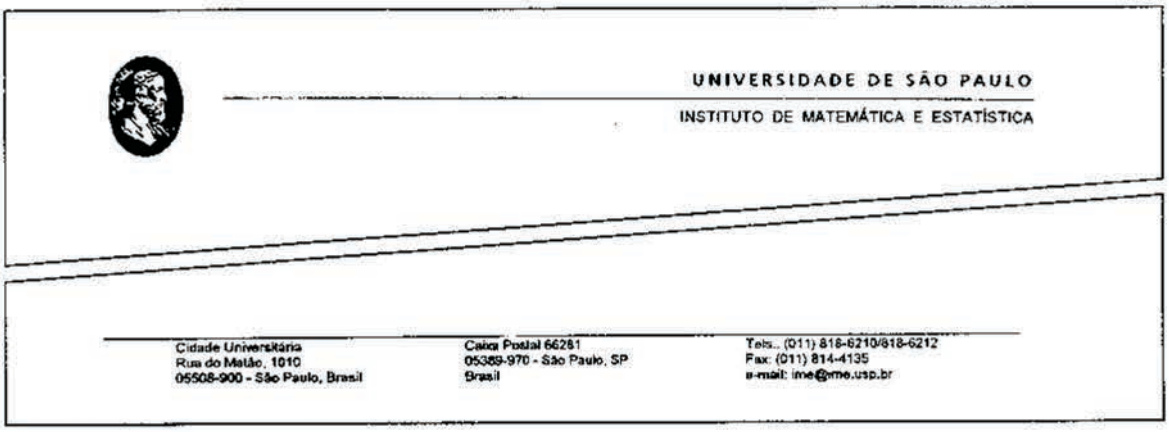
8.1.29. IF — Instituto de Física

8.1.30. IFSC — Instituto de Física de São Carlos

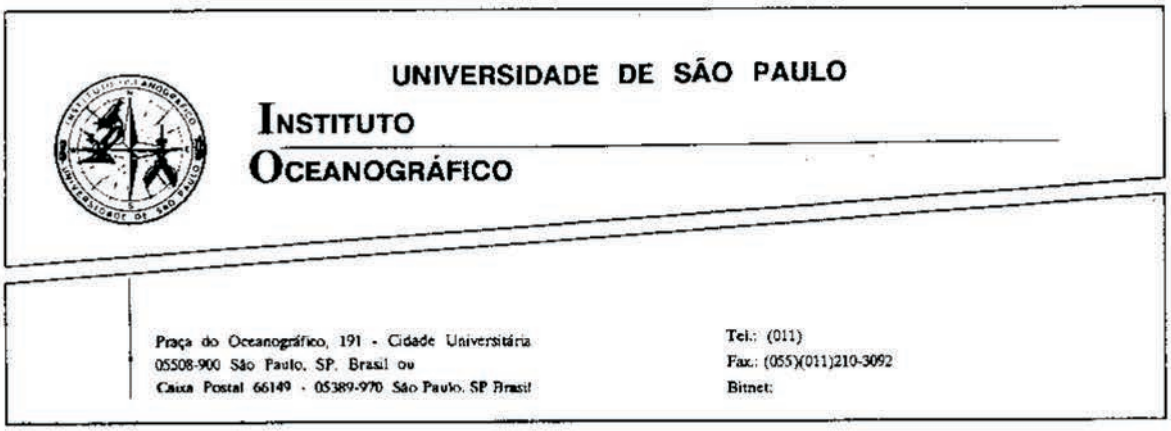
8.1.31. IGc — Instituto de Geociências



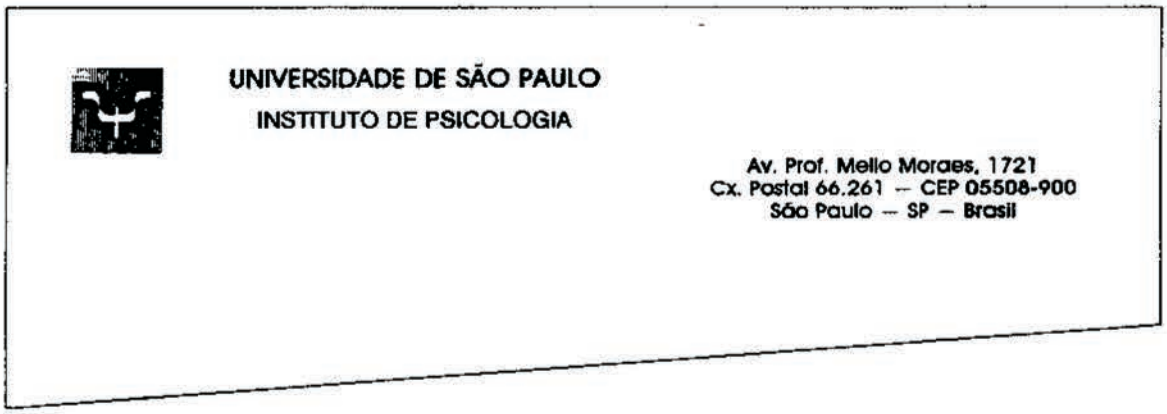
8.1.32. IME — Instituto de Matemática e Estatística



8.1.33. IO — Instituto Oceanográfico

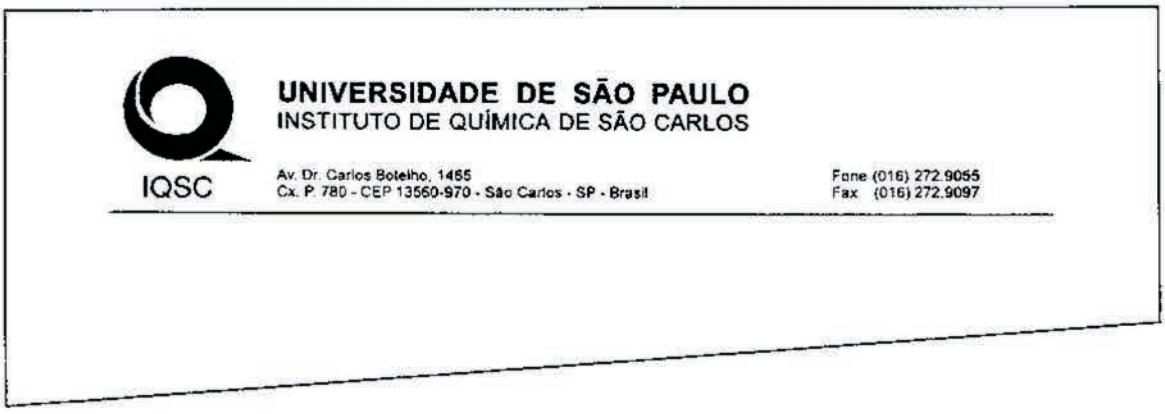


8.1.34. IP — Instituto de Psicologia



8.1.35. IQ — Instituto de Química

8.1.36. IQSC — Instituto de Química de São Carlos



8.2. Centros e Institutos especializados

8.2.1. CEBIMar — Centro de Biologia Marinha (S. Sebastião)

CENTRO DE BIOLOGIA MARINHA - CEBIMar
SEDE - Cx. Postal 83 - CEP 11.600 - São Sebastião - SP - Brasil - Fone: (0124) 52-1655
Administração - Cx. Postal. 11.037 - CEP 05499 - Cidade Universitária - São Paulo - SP
Brasil - Fones: (011) 813-6944 - ramal 327 e (011) 815-2674

8.2.2. CENA — Centro de Energia Nuclear na Agricultura

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CAMPUS "LUIZ DE QUEIROZ"
Centro de Energia Nuclear na Agricultura

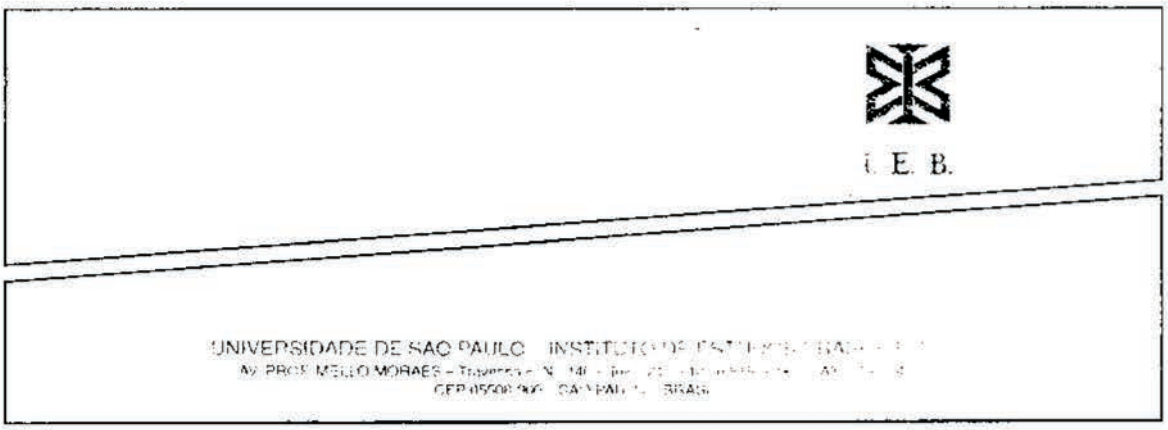
AVENIDA CENTENÁRIO, 303 - CAIXA POSTAL 96 - CEP 13400-970 - PIRACICABA, SÃO PAULO, BRASIL
PABX (0194) 33-5122 - FAX Nº (0194) 22-8339 (Nacional) - FAX Nº 55 (194) 22-8339 (Internacional) - TELEX 19 1097 CENA BR

8.2.3. IEA — Instituto de Estudos Avançados

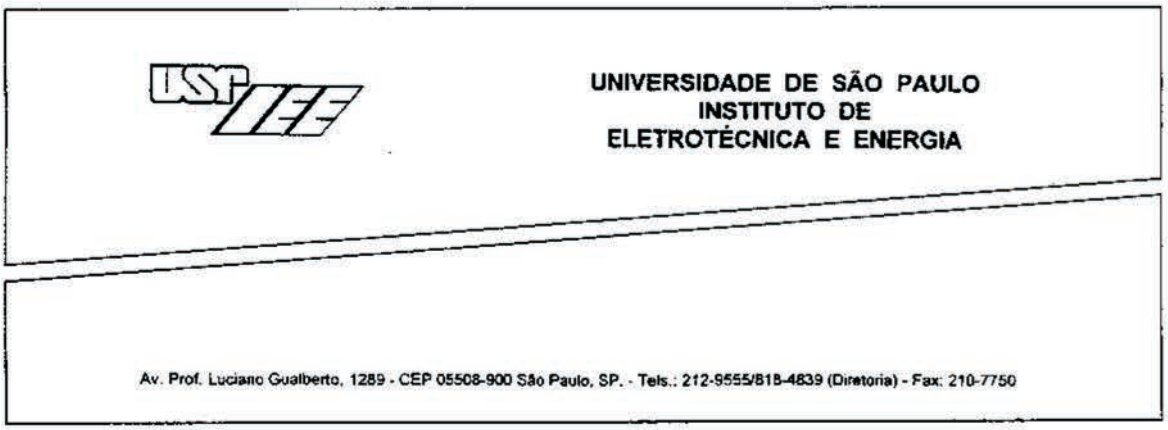
Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

Av Prof Luciano Gualberto
Travessa J 374 térreo
Cidade Universitária
05508-900 São Paulo Brasil
Telefones
(011) 818 3919
818 4442
Fax
(011) 211 9563
iea@obelix.usp.br

8.2.4. IEB — Instituto de Estudos Brasileiros

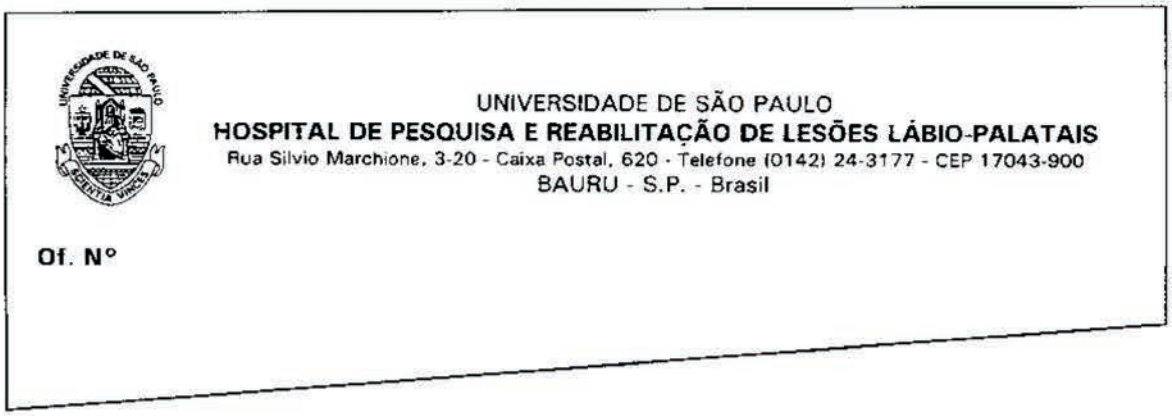


8.2.5. IEE — Instituto de Eletrotécnica e Energia



8.3. Hospitais e serviços anexos

8.3.1. HPRLLP — Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
HOSPITAL DE PESQUISA E REABILITAÇÃO DE LESÕES LÁBIO-PALATAIS
Rua Silvio Marchione, 3-20 - Caixa Postal, 620 - Telefone (0142) 24-3177 - CEP 17043-900
BAURU - S.P. - Brasil

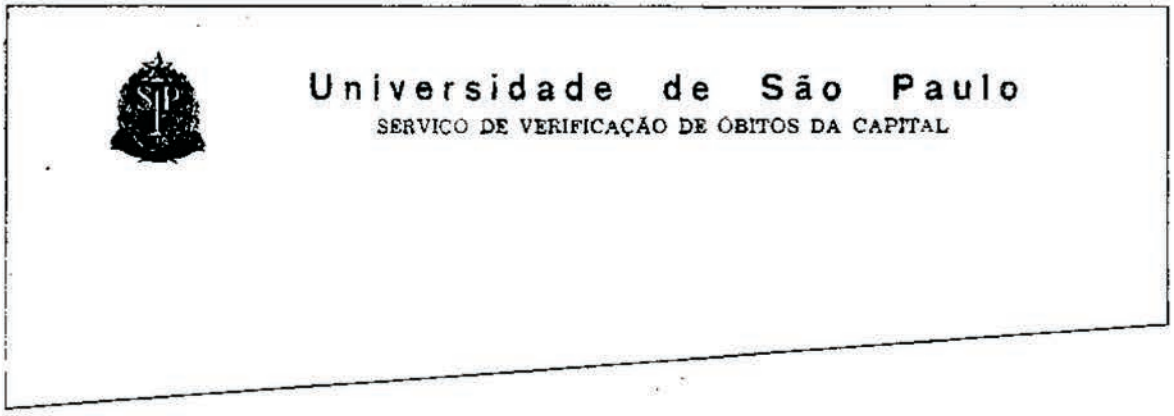
Of. Nº

8.3.2. HU — Hospital Universitário

hospital universitário
universidade de são paulo

av. professor lineu prestes, 2565 cidade universitaria - sao paulo-sp cep 05508-900 fone 212-7711 fax 212-8004

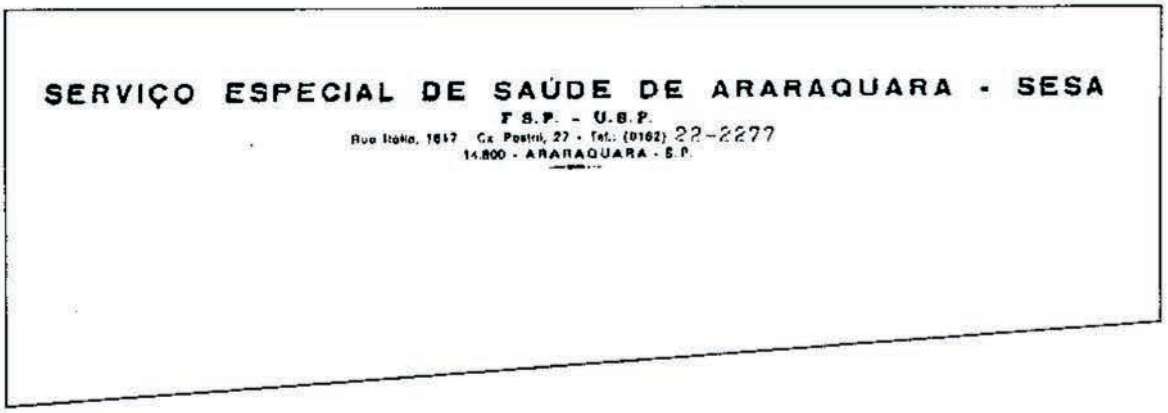
8.3.3. SVOC — Serviço de Verificação de Óbitos da Capital


Universidade de São Paulo
SERVIÇO DE VERIFICAÇÃO DE ÓBITOS DA CAPITAL

8.3.4. SVOI — Serviço de Verificação de Óbitos do Interior

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
"CAMPUS" DE RIBEIRÃO PRETO
SERVIÇO DE VERIFICAÇÃO DE ÓBITOS DO INTERIOR
Telefone: PABX 633-3035 - Ramais 361 , 371
CEP 14040-030 - Ribeirão Preto - Est. de São Paulo

8.3.5. SESA — Serviço Especial de Saúde de Araraquara


SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE DE ARARAQUARA - SESA
F.S.P. - U.S.P.
Rua Itália, 1617 Cx. Postal, 27 - Tel.: (0162) 22-2277
14.800 - ARARAQUARA - S.P.

8.4. Museus

8.4.1. MAC — Museu de Arte Contemporânea

USP MAC Museu de Arte Contemporânea da USP

Rua da Reitoria 160 - Cid. Universitária - São Paulo - 05508-900 - Tels. (55 11) 818.3027/3028 - Fax 212.0218

8.4.2. MAE — Museu de Arqueologia e Etnologia

MAE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Av. Prof. Almeida Prado, 1466 - Cidade Universitária - São Paulo - CEP 05508-900 - Fone(011)212-4001 - Fax(011)818-5042

8.4.3. MP — Museu Paulista

USP

Universidade de São Paulo
Museu Paulista

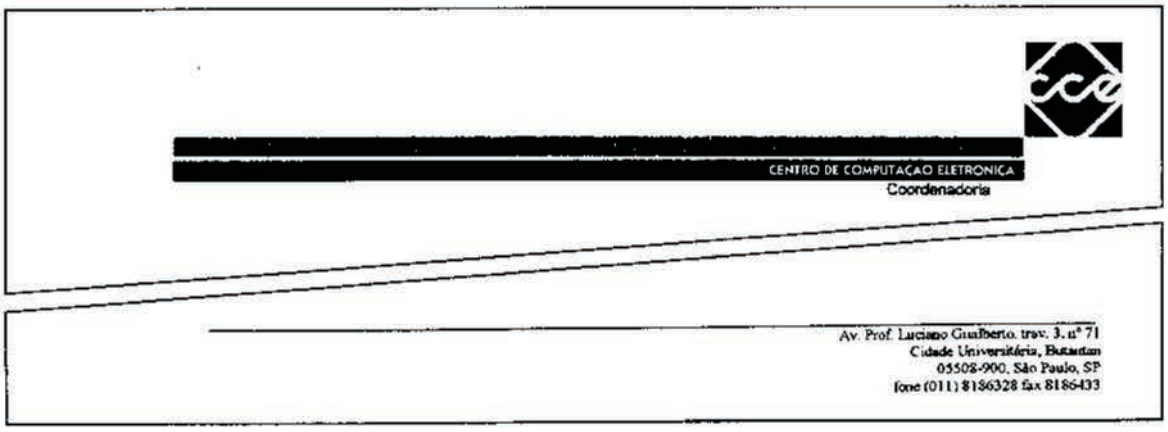
Parque da Independência, s/nº – Ipiranga – Caixa Postal 42.503 – Tels.: (011) 215-4588 / 4307/4145
FAX: (011) 215-4588 / 4307/4145 - Ramais 2050/2051
CEP: 04299-970 – São Paulo – SP – BRASIL

8.4.4. MZ — Museu de Zoologia

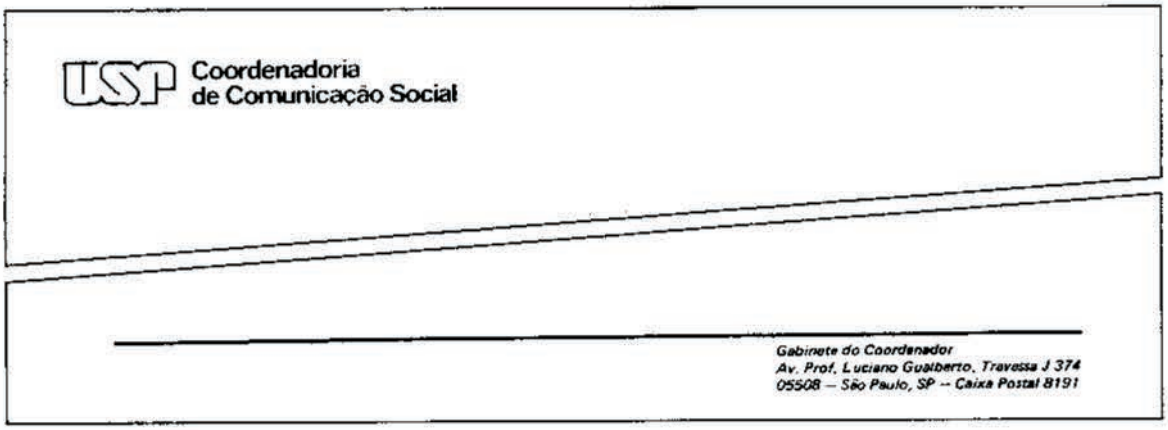
MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Caixa Postal 7172 - 01064-970 São Paulo SP
Tel.: 011 274 3455 - Fax: 011 274 3690

8.5. Órgãos Centrais de Direção e Serviço

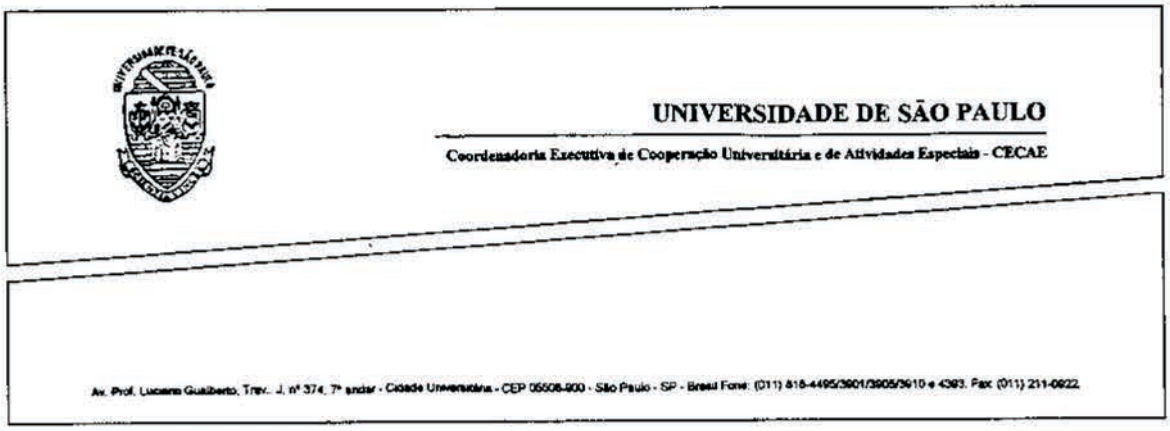
8.5.1. CCE — Centro de Computação Eletrônica



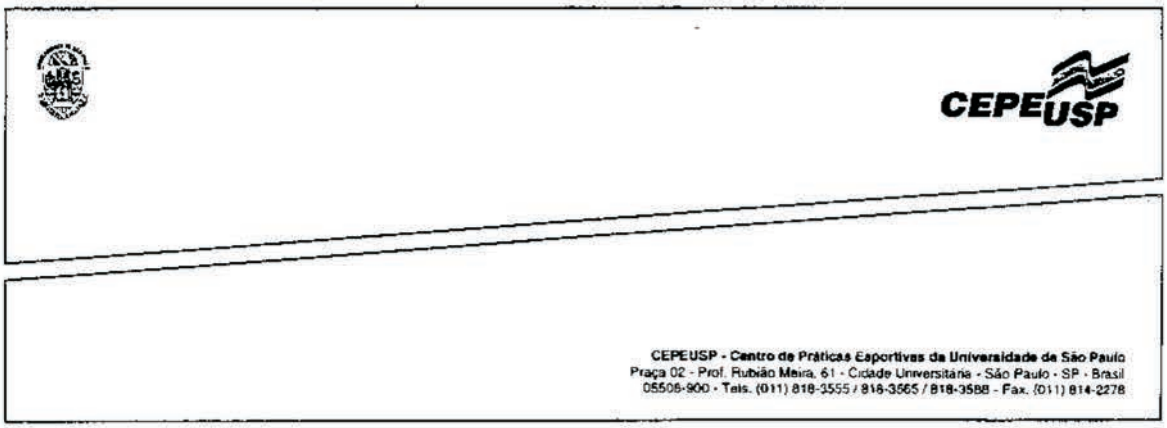
8.5.2. CCS — Coordenadoria de Comunicação Social



8.5.3. CECAE — Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais

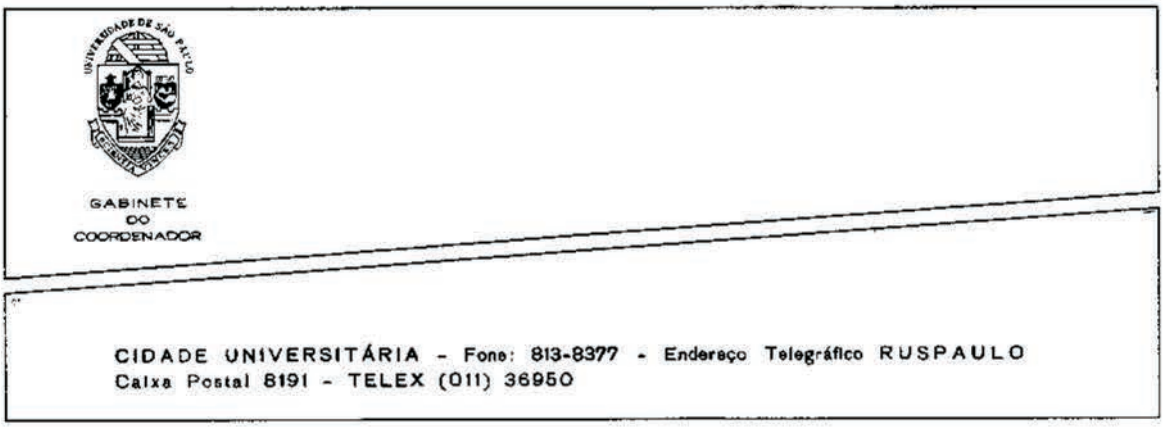


8.5.4. CEPEUSP — Centro de Práticas Esportivas da USP

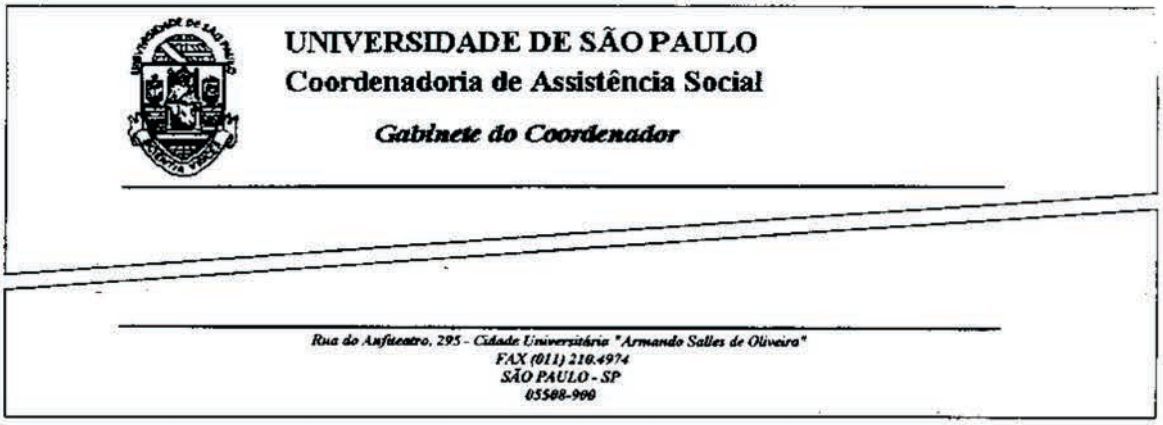


8.5.5. CISC — Centro de Informática de São Carlos

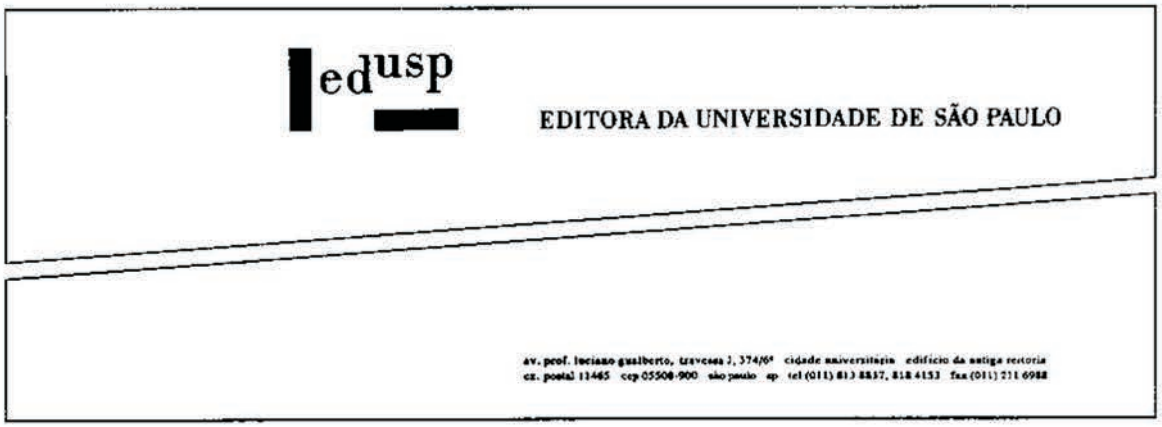
8.5.6. CODAGE — Coordenadoria de Administração Geral



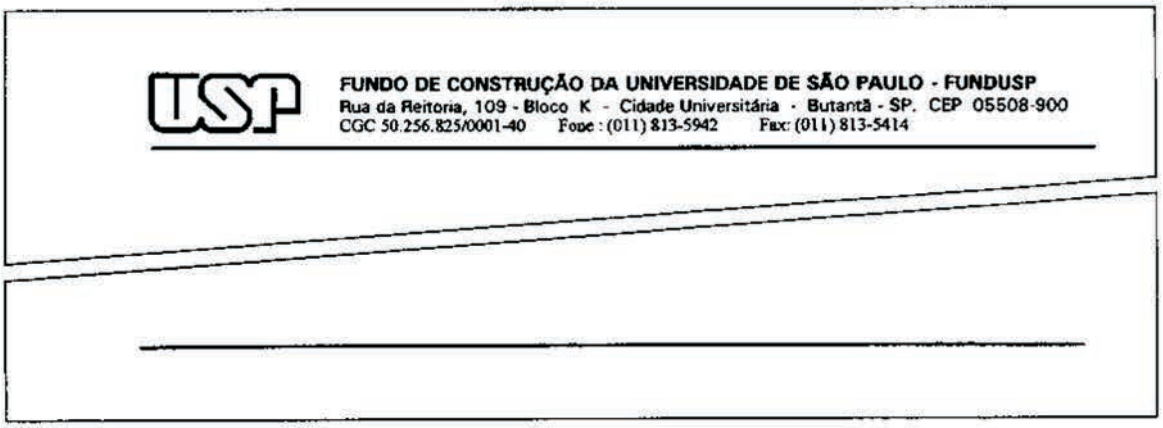
8.5.7. COSEAS — Coordenadoria de Assistência Social



8.5.8. EDUSP — Editora da USP

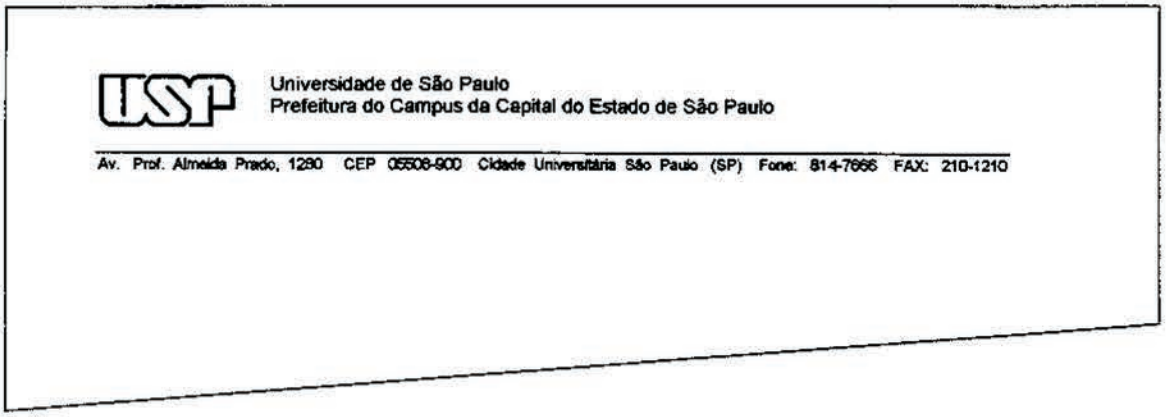


8.5.9. FUNDUSP — Fundo de Construção da USP

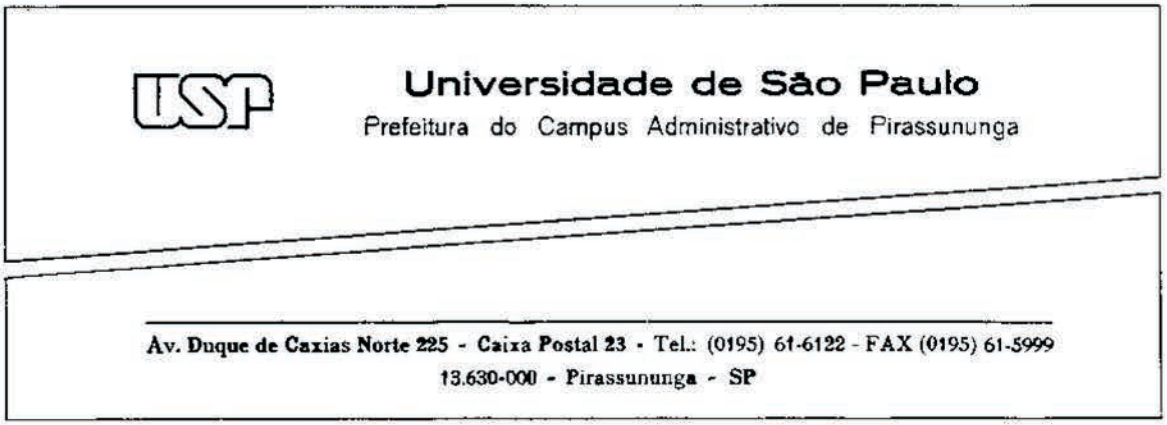


8.5.10. PCB — Prefeitura do Campus Administrativo de Bauru

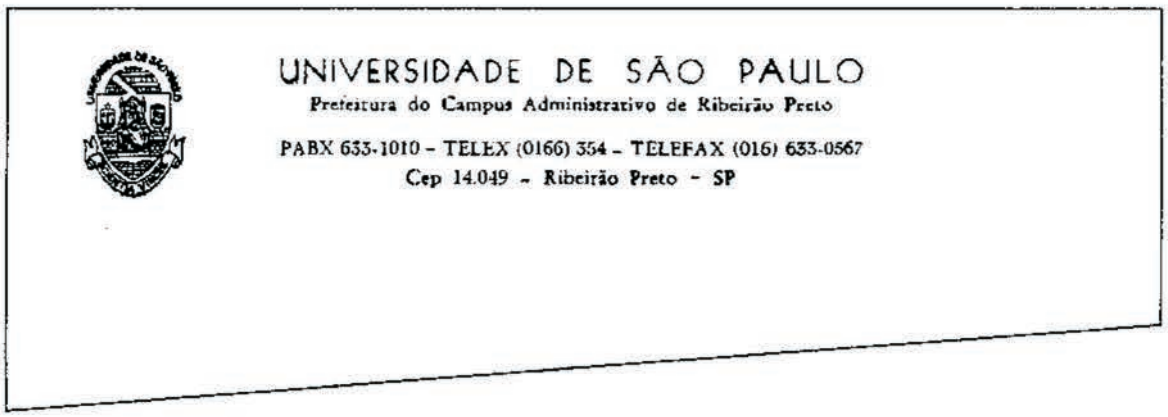
8.5.11. PCO — Prefeitura da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira



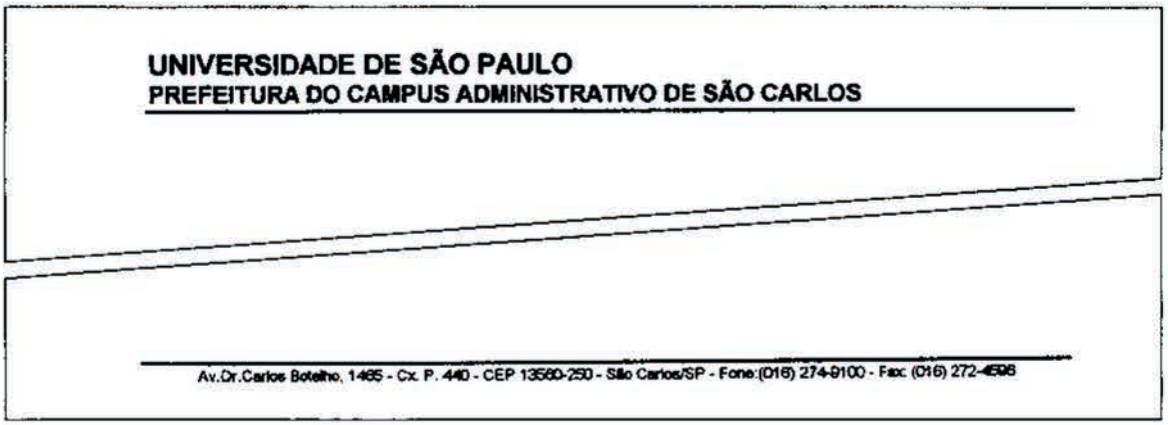
8.5.12. PCPS — Prefeitura do Campus Administrativo de Pirassununga



8.5.13. PCRP — Prefeitura do Campus Administrativo de Ribeirão Preto

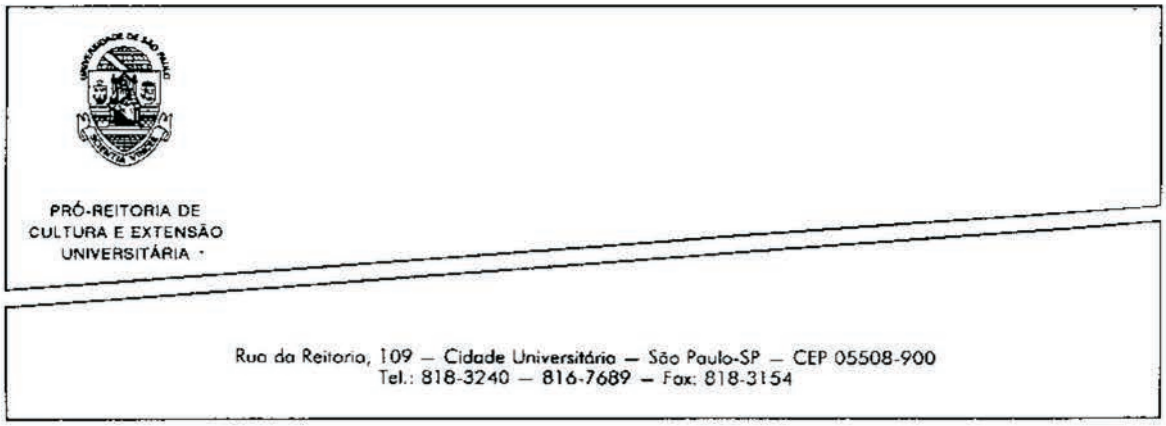


8.5.14. PCSC — Prefeitura do Campus Administrativo de São Carlos

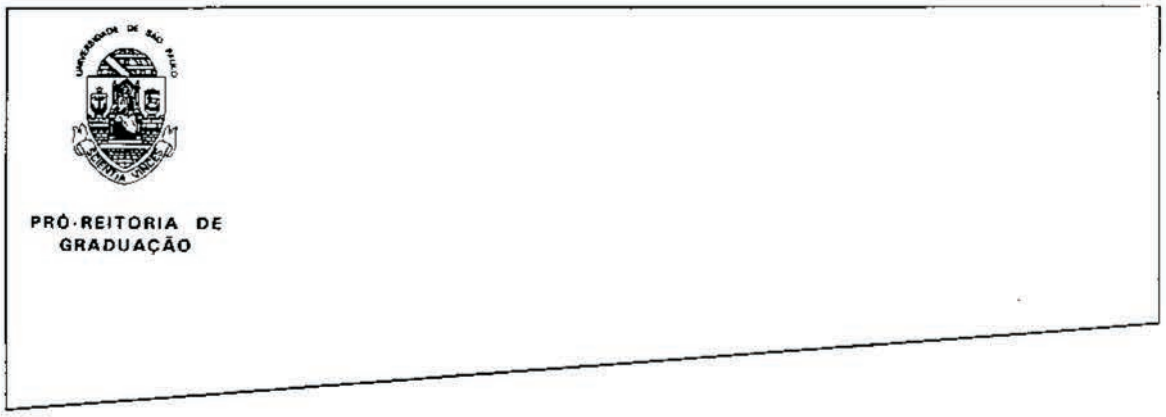


8.5.15. PCLQ — Prefeitura do Campus Luiz de Queiroz

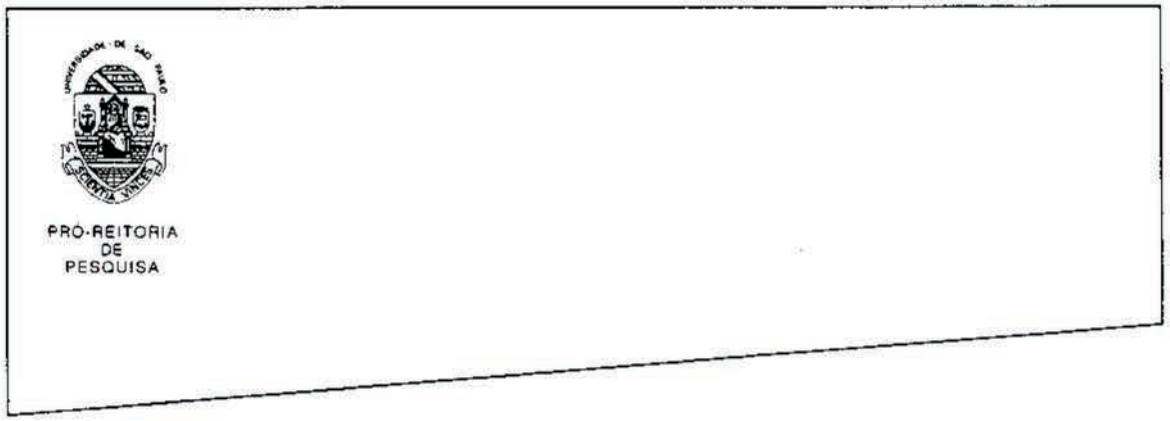
8.5.16. PRO-CEX — Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária



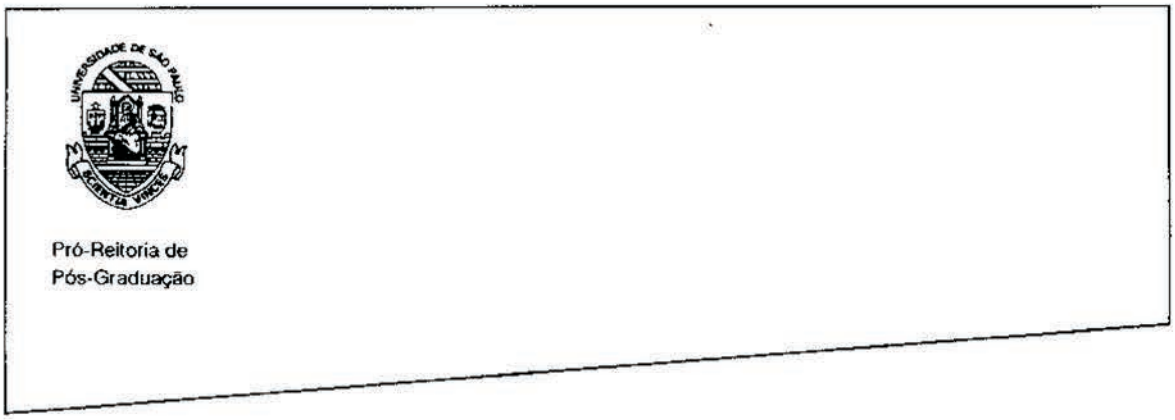
8.5.17. PRO-GRAD — Pró-Reitoria de Graduação



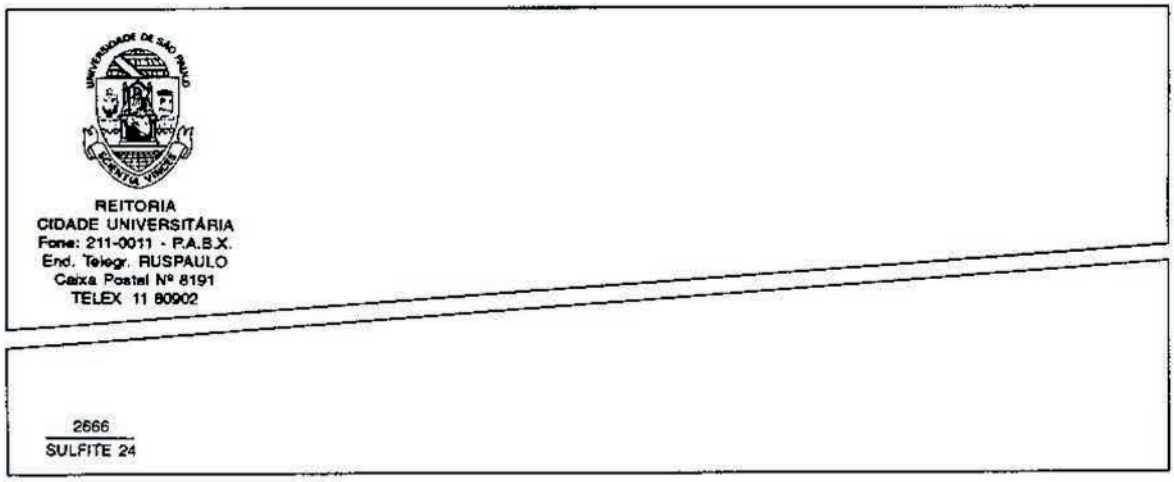
8.5.18. PRO-PESQ — Pró-Reitoria de Pesquisa



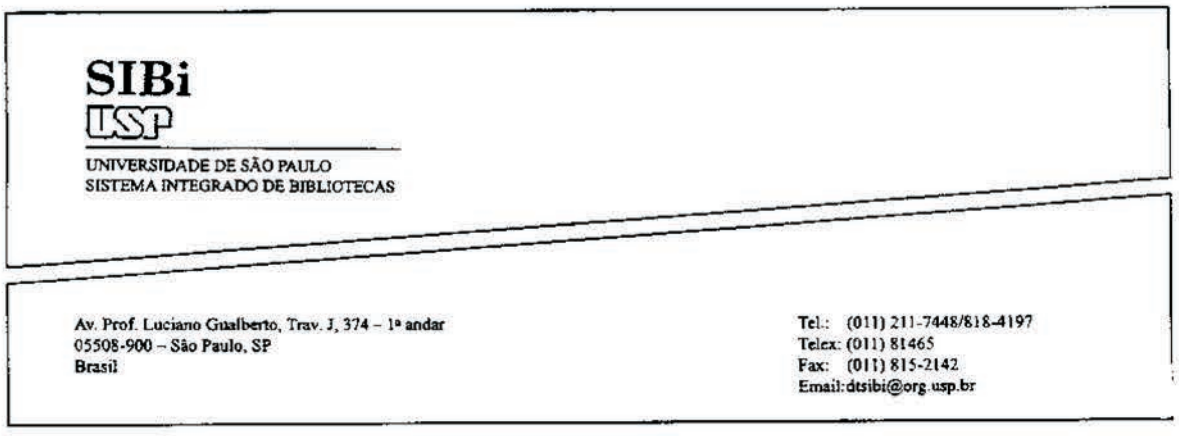
8.5.19. PRO-PGR — Pró-Reitoria de Pós-Graduação



8.5.20. RUSP — Reitoria



8.5.21. SIBI — Sistema Integrado de Bibliotecas



9. Rumos do trabalho

A partir do diagnóstico preliminar exposto neste documento, a Comissão de estudo da identidade visual e da imagem institucional da USP prevê as seguintes linhas de desdobramento do trabalho:

1. Complementar o acervo das manifestações visuais da instituição e de suas unidades, com vistas à realização de um diagnóstico mais completo e preciso da situação.

2. Encaminhar propostas de normatização das mensagens visuais emitidas pela instituição, com vistas à elaboração de um sistema de identidade visual da USP.

3. Encaminhar propostas no sentido de estabelecer um mecanismo permanente de coordenação das mensagens visuais emitidas pela instituição.

4. Estabelecer um padrão de referência para iniciativas nessa área, compatível com o papel desempenhado pela USP no contexto cultural brasileiro.

Depoimento sobre a identidade visual da USP nas três últimas décadas

Arquiteta Cinzia de Araujo

Em 1971 ingressei no Fundusp, logo após a aprovação de um símbolo para a Universidade. A década anterior havia sido conturbada para a USP, bem como para outras Universidades do mundo. Assistira, enquanto aluna da FAU, a uma época de mudança de parte da Universidade, do eixo da Maria Antonia para o campus e, conseqüentemente, de alterações tanto em sua estrutura física quanto em sua imagem enquanto instituição.

No ano de 1970 foi implantada a Reforma Universitária e criadas nove unidades; a Escola de Educação Física acabara de ser anexada à USP e algumas unidades já existentes estavam sofrendo modificações. Para que todas se instalassem no campus, foi necessário construir muitos prédios, duplicar ruas e avenidas para comportar a nova situação. A complexidade e diversidade aumentaram. O Fundusp, inicialmente um Fundo para a Construção da Cidade Universitária, aumentou sua dotação orçamentária para poder cuidar de toda a USP, passando a ser o Fundo de Construção da USP; também nessa época foi criada a Prefeitura da Cidade Universitária, tal a quantidade de trabalhos a realizar.

É bom salientar que o desenho do campus, que foi inicialmente uma fazenda do Instituto Butantan, tem suas diferenças visuais facilmente perceptíveis ao se atravessar o portão que separa as duas entidades. O Butantan manteve sua área preservada e pouco alterada em relação à concepção original; visualmente, seu espaço é de um parque onde se faz pesquisa. O desenho da USP é moderno, tem a velocidade gravada em suas amplas pistas asfaltadas, apesar de ser um parque. Possui a maior parte de seus edifícios com uma arquitetura bem diferente do Instituto do qual proveio, possui placas de identificação de edifícios, setas especiais para circular em suas rotatórias e placas de orientação cujo design é característico da USP.

A intenção, ao descrever essas imagens, é mostrar de onde provêm muitas fotografias estampadas em jornais de grande ou pequena circulação, que usam parte do ambiente do campus como imagem da USP. Isso faz parte da Identidade Visual de uma instituição. Uma identidade visual articula uma grande quantidade de elementos visuais porque seu(s) público(s) são tão diferenciados e as necessidades de comunicação hoje atingem tal complexidade, que se torna necessário garantir mensagens diferenciadas, pois nem todos captam as mensagens da mesma maneira.

Atualmente, com a enorme quantidade de símbolos existentes em São Paulo, no Brasil e no mundo, um símbolo (ou logotipo, emblema, brasão, logomarca etc.) não é suficiente para criar uma Identidade Visual; mesmo no passado, quando as necessidades de comunicação eram poucas, as aplicações para criar a Identidade Visual (mesmo que assim não fosse chamada) eram compatíveis com as necessidades da época.

A partir das necessidades que nossa época exige, a identidade visual precisa ser um *sistema* de elementos programados, divulgados adeqüadamente e com constância. Um *sistema de identidade visual* de uma instituição é um sistema de representação visual de suas características comuns, constantes e exclusivas, e inclui um conjunto de normas que garante a unidade de sua imagem dentro da diversidade de mensagens que ela emite.

No Brasil, a partir da década de 60, começou a ser aplicado um conhecimento que se expandia pelo mundo: a Comunicação Visual, o Design Gráfico, a Programação Visual e a Propaganda. Este século foi marcado pela velocidade com que surgiram as grandes inovações científicas e tecnológicas.

Antes da 2ª Guerra Mundial, esse conhecimento se desenvolvia principalmente na Suíça (paraíso de artistas e designers na 1ª Guerra Mundial), na Inglaterra, Itália, França, Alemanha (destacando-se a Bauhaus), Rússia e União Soviética (construtivistas) e Estados Unidos. Após a guerra, emergiram duas superpotências, representando diferentes ideologias políticas e econômicas. O mundo ocidental teve a América como parâmetro e as possibilidades que permitia atraiu grande quantidade de artistas de todo o mundo, incluindo personalidades da Bauhaus, fechada pelos nazistas. A Comunicação Visual e a manifestação denominada Identidade Visual tanto Institucional quanto Corporativa desenvolveu-se muito.

Era de se esperar que em 1971, pelo que acontecia no mundo e na Universidade, fosse proposto um símbolo para a USP.

Entre 1971 e 1972, foi elaborado um logotipo para a USP e lançado um álbum sob o patrocínio da Fundação Itaú América. O trabalho foi desenvolvido pela firma Maitiry (de Fernando Lemos), de grande prestígio na época.

O álbum, de 1972, em branco e preto, tinha o símbolo aplicado também na cor prata. Continha a seguinte apresentação da "Marca/Símbolo/USP"

> "Propositadamente objetivo, digno sem austeridade.
> Apenas diferenciado da emblemática comercial, industrial.
> Moderno na sua abordagem gráfica, semântica, como algo que analisa (computador) e não é descritivo (heráldica)."

Além disso, trazia também um "Panorama Geral da USP", uma explanação sucinta do funcionamento da Universidade e apresentação das Unidades de Ensino, com uma grande foto e um texto curto. O álbum era finalizado com uma foto no Posto de Informações, onde é interessante observar uma placa de identificação com o brasão e o ônibus circular, já com o novo logotipo, representando a transição. Anexo, havia um encarte com o mapa a cores da Cidade Universitária, incluindo os edifícios e o planejamento futuro.

Até aquele momento, só se conhecia o brasão, através de papel timbrado e envelope ou capas de processos. Havia também placas de identificação de edifícios, com o brasão desenhado a traço em branco, sobre um fundo verde escuro e o restante da placa em branco com o nome do edifício em preto. O ônibus circular era azul marinho e branco. Embora se dissesse que a cor da USP era azul, não havia aplicação técnica correta.

Recebido o símbolo (logotipo) de 71, foram elaboradas algumas aplicações no Fundusp, pois era o órgão técnico envolvido com as mudanças. De 1972 a 75 foram elaborados papel timbrado, envelope e algumas publicações para o Fundo, exposições de projetos elaborados, placas de inauguração, pintura do ônibus circular, bandeira, bem como o jornal *USP Informações*. O símbolo não tinha especificações do que seria seu sistema de Identidade Visual, nem tampouco era simples de aplicar.

Em 1976, a equipe do Fundusp formada pelo arquiteto José Carlos de Araujo, pelo programador visual João Delbucio Fº e pela arquiteta Geni Yoshico Uehara, considerou que "o logotipo, criado em 71, de desenho extremamente elaborado e pouco legível, é estático e de difícil aplicação. Seu estudo não foi suficientemente aprofundado para prever todas as formas de uso".[1]

Essa equipe, além do programador visual Ciro Saito, havia sido contratada para elaborar a Identidade Visual dos Jogos Panamericanos, que deveriam ser sediados novamente na Cidade Universitária, no Brasil (como na década de 60). A meningite levou os jogos para o Chile. O prêmio atribuído ao projeto pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, em 1975, é um atestado de sua qualidade técnica.

Após o término do trabalho dos Jogos, a equipe foi convidada a trabalhar para o Fundo, desenvolvendo projetos de Comunicação Visual. Parte dos símbolos gerais e dos pictogramas para esportes dos Jogos foram diretamente aproveitados, como no painel da entrada do Cepeusp, existente até hoje.

A avaliação do crescimento da Universidade pode ser feita a partir dos dados fornecidos em dezembro/96 pela Consultoria Jurídica, em pesquisa contendo as datas de criação e respectivos decretos:

1934	Unidades Universitárias	10
	Órgãos Complementares	10
	Total	*20*
1971	Unidades Universitárias	30
	Órgãos / Institutos Anexos	28
	Autarquias Associadas	4
	Museus	4
	Institutos Complementares	4
	Total	*70*
1977	Unidades Universitárias	30
	Órgãos Anexos	28
	Autarquias Associadas	3
	Museus	4
	Órgãos Complementares (Hospitais)	2
	Institutos Complementares	4
	Total	*71*

Em 1977, a proposta do novo projeto de Comunicação Visual da USP estava montada, tendo sido apresentada ao Conselho de Administração e, em seguida, ao Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que o aprovou. A portaria n. 533, de julho de 1977, institui a nova Imagem de Comunicação Visual da Universidade de São Paulo.

O sistema proposto possuía alguns elementos do chamado *International Style*, cujas características são o uso de uma composição gráfica rigorosa, com régua e compasso, elaborada sobre malha modular; alfabeto sem serifas; uso de fotos objetivas; rejeição do uso de ornamentos. O alfabeto escolhido para a Universidade, o Univers, foi desenhado em 1954 em Paris, pelo designer suíço Adrien Frutiger. Era amplamente adotado por designers do mundo todo, pois possuía correções visuais que garantiam alta legibilidade tanto de perto quanto de longe, em suas 21 possibilidades diferentes de espessuras, inclinações, expansões e condensações, que constituem o conjunto do alfabeto. Só quem trabalhou com tipos móveis, linotipia, provas de gráfica, fotocomposição e *paste-up* avalia a importância de um alfabeto com estas características. Essas possibilidades se mostraram tão fundamentais, que há programas gráficos de computador para produzir alfabetos com esses efeitos. A importância desse tipo de identidade visual é a identificação imediata que um logotipo tem (por ser uma maneira particular de escrita de letras) associado a uma identidade cromática, permitindo uma leitura a longa, média e curta distância com a mesma velocidade. Antigamente as velocidades eram pequenas. Hoje a TV dá poucos segundos de exposição, uma viatura passa a 80km/h, os detalhes devem ser poucos para que, mesmo as deturpações que um fax ou *scanner* produzam não tornem irreconhecível a identidade gráfica; que as imagens via Internet/WWW sejam rápidas. Muitas deturpações do logotipo, embora grosseiras a nossos olhos, passam desapercebidas à grande maioria das pessoas, garantindo a impressão de imagem original pela força que tem sua forma peculiar.

Na década de 70, o Fundusp elaborava o planejamento, projetos e construções da USP e a Prefeitura Universitária era responsável pela operação e manutenção do campus. A equipe, reduzida ao arquiteto José Carlos de Araujo e ao programador

visual João Delbucio Fº, permaneceu no Fundusp elaborando a implantação da parte gráfica. Para tanto, conseguiu um laboratório fotográfico, recurso sem o qual não era possível desenvolver os trabalhos. Foram elaborados inúmeros relatórios de obras e manuais. Os edifícios em construção recebiam placas de obra com o novo Símbolo (considerado como a junção do logotipo e identidade cromática). Era elaborada no Fundo a sinalização interna de edifícios novos.

Para que a Comunicação Visual na USP tivessem unidade nas mensagens, os trabalhos adotavam os mesmos padrões nas duas entidades. Na Prefeitura, desde a criação do novo símbolo, foi desenvolvida uma sinalização solicitada pelo Prefeito e Diretor Executivo do Fundo, que pudesse caracterizar o campus como uma área visualmente marcante, diferenciada da cidade de São Paulo, mostrando o caráter inovador da USP. Utilizava o alfabeto Univers 65 e um padrão visual objetivo. O projeto dividia o campus em cinco regiões coloridas (azul, amarelo, verde, vermelho, roxo; associadas aos pontos cardeais e a códigos alfanuméricos para as regiões — como em Brasília — em lugar de rua e número). Compunha-se de elementos verticais para orientação: prismas triangulares para identificação de edifícios; placas de orientação entre setores; sinalização de tráfego toda horizontal.

Em 1978, pela inovação que o trabalho representava, a Pinacoteca do Instituto de Artes do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, solicitou uma exposição dos trabalhos sobre a Comunicação Visual da USP. Foram elaboradas 60 painéis mostrando os elementos básicos do sistema e fotos da implantação dos trabalhos do Fundusp e da Prefeitura Universitária. O Instituto de Arquitetos do Brasil — IAB, seção SP também solicitou uma exposição pelo mesmo caráter inovador.

A equipe deixou o Fundusp em 1980, tendo elaborado grande quantidade de trabalhos. A Prefeitura agora contava com menos recursos para trabalhos gráficos, não podendo contar com o laboratório fotográfico do Fundo (desativado) e sem diálogo com quem elaborava as normas de implantação da Comunicação Visual. O Fundusp nunca mais contratou equipe de Comunicação Visual.

A implantação da sinalização a cores da Prefeitura foi

parcial, tanto por falta de recursos e estratégia de implantação motivada por essa questão, quanto pela não aceitação de um sistema tão diferente do conhecido, ainda por terminar.

Em 1983 o Fundo elaborou um sistema de endereçamento através de nomenclatura de vias: ruas e avenidas receberam nomes de ex-reitores falecidos e travessas mantiveram a letra ou número original. A sinalização foi elaborada de forma que ficasse clara a mudança, utilizando placas pretas com letras brancas, refletorizantes, garantindo a visibilidade noturna. Tinham a identificação do edifício, da rua e do número, e permanecem até hoje. As demais placas do sistema de orientação tiveram um grande impulso de 1984, ano do cinqüentenário da USP, até 1986. Aos poucos o sistema informativo de orientação do campus foi se alterando e novas placas foram introduzidas. Sistemas informativos devem ter flexibilidade. Depois de certo tempo, eles precisam ser reavaliados e novas diretrizes devem ser criadas, respondendo a novas demandas e eliminando o que não tem mais significado para o sistema.

O período do cinqüentenário colocou a USP em evidência. Em 1984, o designer Alexandre Wollner elaborou uma programação visual adequada ao evento. O projeto consistia na letra L envolvendo o logotipo da USP, uma referência ao numeral romano cinqüenta. O código cromático utilizado foi o preto e vermelho.

Dentre as aplicações realizadas, destacam-se: selo adesivo, papel timbrado e envelopes para cada unidade da Universidade, *out-door*, capas dos catálogos de graduação. Apesar da competência do trabalho, houve, na época, aplicação no Jornal da USP com o selo em tarja inclinada, muito fora das normas visuais comuns. É muito difícil ter controle sobre a apropriação que se faz dos trabalhos de Comunicação Visual. Após o cinqüentenário, o selo foi utilizado de forma inadequada, alterando-se seu código cromático para verde.

Permaneci na Prefeitura Universitária Armando de Salles Oliveira, até 1994, onde ao longo do tempo e contando com diversos colaboradores, foram feitas todas as aplicações cabíveis da imagem visual da USP, mesmo se alteradas ou desaparecidas ao longo do tempo:

- papéis administrativos (almoxarifado, contabilidade etc); papel timbrado e envelope; arte-final para execução de cartões pessoais com verba própria; selos para desenhos de cadastro, arquitetura e comunicação visual; padronização de carimbos po ocasião do Regimento; convites para eventos; mapas impressos para o campus em uma cor e quadricromia, relatórios anuais; manuais e folhetos (do servidor, cipa, normas administrativas); cartilha para alfabetização dos funcionários de parques e jardins, hidráulica e serviços gerais
- xícaras de chá e café; uniformes de funcionários — diferenciados por cor — de parques e jardins'; hidráulica; copa; motoristas; serralheria; uniformes de funcionários da segurança e da fiscalização; capacetes para motos; camisetas; braçadeiras para identificação de funcionários em eventos
- bandeira
- frota: automóveis tipo passeio, de chefias e de serviço; peruas; motocicletas, bicicletas e viaturas da fiscalização e vigilância; caminhões com carroceria, pipa, de recolhimento de lixo, de serviços de eletricidade; ônibus circular — comum e articulado, micro-onibus, onibus rodoviário; pontos de ônibus; selos para automóveis de docentes, funcionários e alunos
- placas de obra, placas de inauguração; faixas verticais (banner, em substituição às faixas de pano)
- sinalização de edifícios já em uso, a partir do final da década de 80, quando a Prefeitura passa a ser responsável pela manutenção de edifícios
- sinalização do campus de São Paulo

Um sistema de identidade visual necessita ter uma parte de suas inúmeras mensagens constantes (as que encerram as características comuns e exclusivas da entidade), que são os elementos básicos, através dos quais é reconhecida. Por trabalhar com peças gráficas e mensagens veiculadas em diversas mídias, necessita de flexibilidade em alterar a parte de sua imagem que, como entidade, todos os dias se altera em função de conquistas constantes. Essas mudanças precisam ser veiculadas.

As mensagens visuais da USP se encontram fragilizadas visualmente: não há grupo oficial para orientação desde 1980. Elogio essa iniciativa da Vice-Reitoria ao abordar esse processo, da maior importância. Será preciso um levantamento mais

aprofundado, que só as unidades possuem, para saber o universo de manifestações visuais que cada unidade emana.

A complexidade da USP, com suas 70 unidades oficiais entre ensino e pesquisa, hospitais, museus, administração e serviços, onde seus mais de 5.000 docentes, mais de 15.000 funcionários, mais de 37.000 alunos de graduação e mais de 22.000 de pós-graduação, dificulta qualquer controle sobre os elementos básicos. A pura e simples existência dos elementos e suas regras não garante que a identidade visual não seja deturpada; sem dúvida, auxilia; mas será necessário a existência de um grupo, do conhecimento de todos, que esteja disponível para orientar e, ao mesmo tempo, atualizar o conhecimento sobre a Identidade Visual e do impalpável da Universidade.

Nota

[1] Processo da Reitoria, que trata do *Novo projeto de comunicação visual da USP*, julho de 1977. Interessado: Fundo de Construção da USP.